Violências de Carlos Lacerda Não Impediram Paralisação na Guanabara

GREVE GERAL!

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO IV — Rio de Janeiro, 6 de julho de 1962 — Nº 172

Milhões de Trabalhadores Exigem de João Goulart: Gabinete Nacionalista!

Cumprindo as determinações da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, da Confederação Nacional dos Bancários, e de dezenas de Federações nacionais, mais de um milhão de trabalhadores cruzaram os braços, a partir de zero hora do dia 5, paralisando as atividades em todo o país em sinal de protesto contra as tentativas golpistas e pela constituição de um Gabinete Nacionalista e Democrático. A greve geral de 24 horas foi decretada em face das manobras das cúpulas reacionárias do PSD e da UDN, detentoras de uma maioria eventual na Câmara dos Deputados, no sentido de imporem à Nação um Gabinete com a participação de elementos golpistas e entreguistas, diretamente comprometidos com o golpe de agôsto de 1961.

Portuários, estivadores, marítimos, arrumadores, bancários, rodoviários, ferroviários, gráficos, telegrafistas, têxteis, metalúrgicos e outras categorias profissionais deram, com a paralisação, uma inequívoca demonstração de unidade e organização, ao tempo em que reafirmam de maneira dramática a sua decisão inabalável de impedir que uma minoria de reacionários, representantes dos grandes grupos econômicos e do latifúndio, a serviço dos trustes internacionais, continuem a impor sua vontade à Nação.

Na Guanabara, onde a greve foi coroada de sucesso absoluto, o governador Carlos Lacerda, cumprindo o que havia anunciado há vários dias, jogou todo o peso de seu aparelho de repressão contra os trabalhadores, particularmente contra os dirigentes sindicais, prendendo e espancando dezenas de trabalhadores que nada mais faziam do que usar do direito constitucional de greve.

A vitória da greve geral de advertência é apenas uma amostra de quanto estão dispostos a fazer os trabalhadores brasileiros no sentido de impedir, com a sua ação enérgica, que as minorias políticas dirigentes solucionem a crise política sem ouvir e atender aos reclamos da maioria esmagadora da Nação. Da mesma forma, ela é uma séria advertência às fôrças reacionárias e golpistas: Não atentem contra a legalidade democrática e constitucional, pois os trabalhadores e o povo saberão responder à altura a qualquer tentativa de golpe reacionário. (Nas páginas 3 e 8 os leitores encontrarão completa cobertura sôbre os últimos acontecimentos).

BALBINO E OLIVEIRA BRITO NÃO MERECEM A CONFIANÇA DAS FÔRÇAS POPULARES

Derrotadas em suas tentativas de organizar um Gabinete reacionário, com a participação de conhecidos golpistas e entreguistas, as cúpulas reacionárias do PSD e da UDN se rearticulam no sentido de legar o presidente da República a submeter à apreciação da Câmara dos Deputados um nome sem expressão e divorciado das aspirações populares, para ocupar o pôsto de primeiro-ministro. Pois-se mesmo inicialmente que o sr. João Goulart estaria disposto a indicar o sr. Antônio Balbino ou, então, o sr. Oliveira Brito. O sr. Antônio Balbino, como Consultor da República, manifestou-se contra a Lei da Anistia Geral. O sr. Oliveira Brito, à frente do Ministério da Educação do Gabinete que acaba de sair, fêz ouvidos moucos às reivindicações dos universitários brasileiros, colocando-se frontalmente contra a greve geral que os mesmos vêm sustentando há mais de um mês pela Reforma Universitária. São nomes que não merecem a confiança dos trabalhadores e do povo, desvinculados das aspirações populares e, por isso, incapazes de organizar um Gabinete nacionalista que enfrente e solucione os graves problemas que afligem a nação brasileira.

CÚPULAS REACIONÁRIAS QUEREM O «IMPEACHMENT» DO SR. JOÃO GOULART

Enquanto os jornalistas aguardavam nota do Ministro da Guerra sôbre os acontecimentos, o major Gama Abreu recebeu de Brasília um comunicado, não oficial, segundo declarou, que transmitiu sem reservas aos repórteres presentes na ante-sala do gabinete ministerial, tendo antes feito a mesma ser divulgada pela Rádio Nacional com prioridade absoluta e na presença de todos os presentes.

Êsse comunicado estava assim redigido: «Alguns setores políticos da Câmara dos Deputados estão se movimentando para levantar um «impeachment» contra o presidente da República. A decisão dêsse grupo resulta do fato de o presidente da República se negar a aceitar um ministério contrário aos interêsses do povo e aos interêsses do país.»

Nenhuma Conciliação Com os Inimigos do Povo

NA sua última entrevista a NOVOS RUMOS, Luiz Carlos Prestes, falando em nome dos comunistas brasileiros, declarou: "Os fatos, com o poder de convicção que possuem, estão mostrando, após nove meses de Gabinete Tancredo Neves, não apenas o fracasso dêsse govêrno, mas também a falência da política de conciliação com as fôrças que representam os interêsses do latifúndio e do imperialismo."

AGORA, o sr. João Goulart vem reconhecer de público, a exatidão dessas conclusões. Transigiu — conforme afirmou — pela segunda vez, com a indicação do nome do senador Auro Moura Andrade para primeiro-ministro. E que ocorreu? Dessa nova conciliação ia surgindo um Conselho de Ministros de reacionários, entreguistas e golpistas.

AINDA naquela entrevista, Luiz Carlos Prestes denunciou a trama das fôrças da reação e do golpe, na base da política de conciliação, com o objetivo de substituir o Gabinete Tancredo Neves por outro igual ou pior. "O que vemos — disse o líder comunista — é a movimentação dos mesmos grupos de politiqueiros reacionários, principalmente das cúpulas dirigentes do PSD e da UDN, pretendendo formar um nôvo govêrno de conciliação, que seja igual ao atual govêrno, ou pior ainda do que êle. Pretendem assegurar e até fortalecer as posições dos representantes do latifúndio e do imperialismo no aparelho estatal."

FOI sem dúvida o que aconteceu depois da "segunda transigência" do sr. João Goulart. No discurso-programa do sr. Auro Moura Andrade, nos pronunciamentos de apoio dos líderes do PSD e da UDN, nos nomes escolhidos para o Gabinete que estava sendo organizado, a opinião pública viu com clareza que espécie de govêrno se pretendia impor ao nosso povo. Seria dado um recuo na política externa, com a volta aos vergonhosos tempos da inteira submissão ao Departamento de Estado norte-americano. Na política interna, nenhuma medida contra a espoliação imperialista e a exploração dos camponeses pelos latifundiários, resistência às reformas de base, continuação e, mais do que isso, agravamento da situação que aí está, com o povo sofrendo fome e privações porque não tem dinheiro para comprar o que precisa e porque nem mesmo encontra o que precisa comprar.

OS FATOS se encarregam, assim, de mostrar, de maneira irrefutável, a que leva a política de conciliação e compromissos com os inimigos do povo. Mas mostram, também, que é indispensável e perfeitamente possível seguir outra política. Contra a ameaça de um govêrno reacionário e entreguista a nação se manifestou, através do movimento sindical, de organizações camponesas e estudantis, dos principais e mais decisivos comandos das Fôrças Armadas, da opinião pública enfim, exigindo um govêrno que efetivamente atenda às aspirações populares. Do outro lado se mantém apenas uma insignificante minoria de politiqueiros carcomidos e reacionários, das cúpulas desmoralizadas dos chamados grandes partidos, que têm manejado, em defesa de seus interêsses antinacionais, uma eventual maioria numérica ainda acampada na Câmara, mas que de lá deverá ser enxotada nas eleições de 7 de outubro.

NENHUMA conciliação, pois, com os inimigos do povo! Disse o sr. João Goulart, na Nota distribuída pela Rádio Nacional de Brasília, que "já transigiu duas vêzes e não pretende transigir outra mais". Ao sr. João Goulart cabe a indicação do primeiro-ministro e também, posteriormente, a nomeação dos membros do Gabinete que fôr constituído pelo primeiro-ministro e que deve ser submetido à Câmara. Exerça, então, seus podêres no sentido de que se organize um Gabinete nacionalista e democrático.

EXATAMENTE para que se constitua um Gabinete nacionalista e democrático, capaz de realizar as reformas que o povo reclama, é que os trabalhadores decretaram a greve geral. Com o mesmo objetivo devem ser mobilizados, sem perda de tempo, tôdas as demais fôrças populares: os camponeses, os estudantes, a intelectualidade, as camadas médias urbanas e os setores progressistas da burguesia nacional. Nesta luta, os comunistas hão de saber, sem dúvida, cumprir o seu dever.

Povo Reage à Violência e Aos Tubarões: Invade Armazens Para Ter Arroz

Revoltado diante da impassibilidade das autoridades que, complacentes, assistem à indiscriminada sonegação do arroz, do feijão e do açúcar, o povo começa a fazer justiça pelas suas próprias mãos. À violência da polícia que protege os ladrões e sonegadores, ao cinismo dêstes, que escamoteiam os produtos tentando a majoração artificial dos preços e, em muitos casos, conturbar mais o ambiente no país, propiciando manobras golpistas das fôrças reacionárias, o povo foi buscar o arroz, o feijão e o açúcar nos armazéns de Niterói (foto ao lado). Na Guanabara, o povo que permanecia há horas nas filas nos bairros da Gávea e da Penha, quando começava a protestar, em vez dos alimentos que necessita recebeu da polícia de Lacerda, êsse fascista e golpista, bordoadas. Na 2a. página, o leitor encontrará reportagens sôbre a crise do abastecimento no país.

Carvalho Pinto dá as Mãos Aos Golpistas: Proibiu Comício Por Gabinete Nacionalista

SÃO PAULO, 4 (Da Sucursal) — Colocando-se inteiramente ao lado das fôrças golpistas que tentam implantar uma ditadura fascista no país, o governador Carvalho Pinto mandou cercar a Praça da Sé, para impedir a realização de um comício na noite de hoje.

Fortes contingentes policiais ocuparam tôdas as ruas que dão acesso àquela praça e a cercaram completamente. A manifestação era patrocinada por vários partidos políticos, entidades sindicais e estudantis e organizações populares.

O ato do governador fascista, que provou de nôvo sua íntima ligação com os grupos que tentam impedir a formação de um govêrno nacionalista e democrático, encontrou forte repulsa nos círculos políticos, sindicais e estudantis.

Ainda no local do comício, o deputado Luciano Lepera declarou à reportagem de NOVOS RUMOS que se tratava de uma ilegalidade a proibição do comício, uma violência, um atentado às liberdades democráticas.

Em várias entidades sindicais e estudantis, o ato do governador foi duramente criticado, sendo o sr. Carvalho Pinto acusado de fascista e golpista e mancomunado com as fôrças mais retrógradas que tentam impor um gabinete reacionário e fascista, com o objetivo de impedir a realização das reformas reclamadas pelo nosso povo, através da liquidação da democracia.

Câmara de São Paulo está vigilante

SÃO PAULO — 4 — (Da Sucursal) — A Câmara Municipal, que se encontrava em recesso, realizou sessão extraordinária, a partir das 21 horas de hoje, em face da grave situação por que passa o país. Os deputados estaduais mantêm-se reunidos na expectativa dos acontecimentos.

Brizola: «Só um Gabinete Não Comprometido Com os Trustes Pode Atender ao Povo»

Pôrto Alegre, (PL) — "Considero que a renúncia do sr. Auro de Moura Andrade era seu único caminho. Pelas informações que disponho Auro traiu a confiança do Presidente da República porque na oportunidade de sua indicação prometeu adotar uma determinada conduta e de posse da indicação apresentou-se ao Congresso de modo diferente, caracterizando mais ainda sua conduta reacionária e antinacional após ter seu nome aceito na Câmara. Diante dêsse procedimento outra não poderia ser a atitude de Goulart recusando-se a nomear os ministros por êles indicados. Era um ministério reacionário, inclusive com elementos comprometidos com o golpe frustrado de agôsto. Pelo ato adicional o Conselho de Ministros é da confiança do presidente da República e da Câmara dos Deputados, portanto bilateral» — afirmou o governador gaúcho Leonel Brizola em entrevista a imprensa.

Que linha deve seguir o próximo Gabinete?

«O presidente deve manter sua linha de coerência e recusar, sistemàticamente, a assinar a nomeação de todos os indicados que não correspondam às aspirações do povo. O que deseja o povo? Um gabinete que mantenha a atual política exterior que enfrente os problemas das reformas, que não seja comprometido com a espoliação no país pelos trustes internacionais, que tenha a coragem de decidir e enfrentar com coragem os problemas da nação, especialmente, do abastecimento, que signifique segurança para os povos democráticos, que combata o poder econômico nas eleições, que presida com isenção o pleito presidencial.»

SANTOS: PÔRTO PAROU

Os ferroviários da Leopoldina, os portuários e estivadores da Guanabara e de Santos e os operários das refinarias de Cubatão paralisaram o trabalho antes da hora prevista, atendendo assim à palavra de ordem de Greve Geral. A greve é geral em todo o país. Em Brasília, operários e camponeses reunir-se-ão hoje na Escola Parque, em grande concentração de protesto contra o golpe e por um Gabinete nacionalista.

Cassadas as Concessões da Hanna no Brasil

7ª página

O FIM DO SALÁRIO

Numa rápida ronda pelas feiras livres, no dia 4, observamos, além do protesto generalizado de quantos estavam comprando, os seguintes preços: 45 cruzeiros para o quilo de sal; 165 a banha vegetal; 220 a cebola; 60, o chuchu; 60, abobrinha; quiabo a 140 cruzeiros; laranja lima a 50; vagem a 90; tomate sempre acima de 100; cenoura por volta de 60; batatinha a 75 cruzeiros.

Havia feijão. O «mulatinho» a 160 cruzeiros o quilo; o «enxofre» e o «cavalo» a 140 e 150. Feijão prêto não encontramos. Nem arroz. Nem açúcar.

O PROTESTO DO POVO

Um orador popular condena a violência policial e protesta contra a carestia e a sonegação de gêneros em Niterói, logo após os acontecimentos de segunda-feira última na capital fluminense. O clima permanece tenso naquela cidade, com tropas da polícia de prontidão nas ruas para defender os exploradores, que temem nova explosão da ira do povo.

Govêrno é Cúmplice da Sonegação e Dos Especuladores do Povo

A população da Guanabara está — e isto não é imagem — nas fronteiras da fome. Desde os períodos de racionamento impostos pela guerra contra o nazismo não se tem notícias de tamanhas privações passadas pelo povo. É deprimente a cena observada por todos nas portas dos armazéns de gêneros e dos postos de abastecimento: as quilométricas filas, que nascem ao amanhecer e perduram até às últimas horas da tarde, da busca de alimentos que não aparecem e de utilidades que custam os olhos da cara. Andam escondidos os gêneros de primeira necessidade. O povo não encontra, e quando encontra não pode comprar, o básico da sua subsistência: arroz e feijão. A grande imprensa refere-se à situação rotulando-a de "crise de abastecimento". Não há tal coisa. O que existe é uma crise artificial, promovida por especuladores do mercado do ramo. As fontes produtoras estão abarrotadas de gêneros alimentícios. No pôrto os estivadores continuam a descarregar navios cheios dos produtos e pelas rodovias continuam a trafegar os caminhões, transportando os alimentos básicos que estão sendo escondidos, na sórdida e repetida manobra praticada pelos tubarões e negociatas quando tramam uma nova alta de preços. Os desonestos e inescrupulosos comerciantes de cereais sempre utilizaram a sonegação como arma para obter aumentos. Jamais foram molestados. E a audácia com que agem agora mostra a certeza que têm da impunidade que o govêrno lhes reserva. Para reprimir a rebeldia popular, como aconteceu segunda-feira última em Niterói, quando o povo perdeu a paciência e invadiu alguns armazéns, contam com as metralhadoras e as bombas de gás da polícia. Na Guanabara dispõem de ainda maior apoio. Lacerda, seu serviçal e instrumento, é conhecido defensor da "propriedade privada": embalou os gendarmes de sua polícia espancadora de estudantes e de donas-de-casa e colocou em cada fila um ou mais choques de policiais prontos para abafar pela violência qualquer protesto de um ou outro popular mais ousado. O govêrno central é um ausente. Limita-se a anunciar providências que os sonegadores sabem que não serão cumpridas e nas quais a população não mais acredita. Por isso esta resolveu tomar medidas próprias em Niterói, e as tomará no Rio de Janeiro se a situação não fôr urgentemente reparada, de nada adiantando para os tubarões o aparato policial lacerdiano, já desmoralizado aliás mais de uma vez pelos trabalhadores nas ruas da cidade.

EXISTE AÇÚCAR

Começou a faltar açúcar quando os usineiros, alegando aumento salarial dos trabalhadores da lavoura canavieira e das usinas, solicitaram à COFAP aumento do preço do produto. Como não foram prontamente atendidos promoveram o "lockout" na distribuição do gênero. Acrescente-se que até agora ainda relutam em pagar o reajustamento conquistado pelos operários, o que acarretou uma greve dos mesmos, sôbre quem os donos de usinas pretendem jogar a responsabilidade ou falta de açúcar. As refinarias particulares mantêm paralisado o fornecimento do produto à população. Esta se abastece apenas do que é beneficiado pelas Usinas Nacionais, o que vem provocando um deficit de milhares de quilos diários no consumo mínimo da cidade. Além disto nem todo o produto fornecido pelas Usinas Nacionais é de primeira qualidade, sendo assim parte dos consumidores obrigados a utilizar um açúcar não refinado, batizado já pela verve popular de açúcar grosso.

Sôbre o aumento pretendido pelos usineiros, um grupo de trabalho formado pela COFAP para estudar a questão concluiu pela sua improcedência, uma vez que constatou serem os preços atuais suficientes para atender o aumento de salários dos operários, permitindo ainda razoável margem de lucro aos donos de engenho, plantadores de cana e refinarias. O grupo de trabalho, constituído de técnicos, constatou ainda que as refinarias particulares localizadas na Guanabara, refinarias Piedade e Magalhães, conseguem uma produção industrial "altamente remunerativa" e que se fôsse concedido o aumento na base proposta pelo Instituto de Açúcar e do Álcool (instituição composta, em sua grande maioria, por usineiros e fornecedores de cana) tais refinarias teriam na safra 62/63 superavits de milhões e milhões de cruzeiros. A refinaria Piedade, por exemplo teria um excedente de lucros da ordem de cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros. Quanto as Usinas Nacionais, que são de propriedade do IAA e que alegaram não poder conceder o aumento salarial dos trabalhadores por causa de seu custo operacional muito elevado, o grupo de trabalho apurou que a emprêsa aufere lucros nada desprezíveis e que os vem empregando na compra de ações de emprêsas em concordata, ao invés de utilizá-los no reaparelhamento de seu parque industrial, com o que baixaria o seu custo de operações. Por outro lado a equipe de técnicos assevera que sendo as Usinas Nacionais uma emprêsa estatal não deveria ter a preocupação de obter grandes lucros mas sim a de ser "um órgão capaz de aferir o preço justo do custo industrial do açúcar". Sôbre as refinarias particulares concluiu ainda o grupo de trabalho da COFAP que andam em situação privilegiadíssima, vindo a refinaria Magalhães ultimamente comprando grande número de ações de outras emprêsas, enquanto a refinaria Piedade tem aumentado largamente de patrimônio nos últimos tempos.

EXISTE FEIJÃO

Já foi fartamente noticiado que em Pôrto Alegre estão estocadas mais de 150 mil sacas de feijão, sabendo-se por outro lado, que no Paraná pelo menos 50 mil sacas estão em condições de serem imediatamente enviadas para qualquer local do país. No Rio esta leguminosa apenas é encontrada nos postos de venda do SAPS ou em um que outro supermercado, aqui a preços que sobem até aos limites dos duzentos cruzeiros o quilo. A COFAP anunciou aos quatro ventos que traria o feijão sulino para a venda ao preço do tabelamento. Enviou funcionários ao Rio Grande e ao Paraná e agora vem declarar, numa história que a ninguém convence, que é impossível a vinda do produto daqueles Estados, alegando que o feijão está ainda, espalhado nas mãos de colonos pelo interior. Enquanto isso fala em efetuar gestões para importar o gênero do México, numa operação na qual não deixariam de entrar firmas particulares, de propriedade dos mesmos tubarões que agora sonegam o produto, escondendo-o, com o fito de fazer aumentar ainda mais os seus lucros e a fome do povo.

EXISTE ARROZ

Milhares de toneladas de arroz do Rio Grande do Sul já foram desembarcados no pôrto. Os vapores Aramar e Carioca atracaram no cais repletos do produto e foram descarregados. E anuncia-se ainda para esta semana a chegada dos navios "Last One" e "LILI", ambos trazendo arroz gaúcho. A COFAP prometera distribuir o cereal pelas feiras livres no início da semana, ao preço de tabela, que é, no máximo, de setenta e cinco cruzeiros o quilo. Até agora, porem, a população permanece sem poder comprar arroz, que não aparece no mercado. Explica a COFAP que o produto está passando por um tratamento, o chamado expurgo. Só depois dessa operação concluida é que seria pôsto à venda. A população entretanto tem sérios motivos para se cobrir de suspeitas de que não esteja sendo vítima de mais um engôdo. O que ela sabe é que o arroz existe, como existe feijão e existe açúcar, e não está sendo vendido nos mercados e armazéns porque os especuladores insaciáveis do comércio de gêneros alimentícios sonegam o produto, na velha tática de obtenção da majoração dos preços. Sabe também a população que o govêrno é cúmplice na manobra.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mario Alves
Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe
Fragmon Borges
Gerente
Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar S/1712 — Tel: 42-7846
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
8.º andar S/821
Tel.: 35-0468
Endereço telegráfico «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS:

Anual	Cr$ 500.00
Semestral	» 250.00
Trimestral	» 130.00
Número avulso	» 10.00
Número atrasado	» 15.00

ASSINATURA AÉREA

Anual	Cr$ 1.000,00
Semestral	» 500.00
Trimestral	» 300.00

FILAS DA FOME INVADEM ARMAZÉNS ENQUANTO POLÍCIA ESPANCA POVO PARA SALVAR OS ESPECULADORES

Extravasou na tarde de segunda feira última em Niterói o protesto do povo contra a fome, com centenas de populares que sofriam nas filas desde a madrugada invadindo armazens e mercearias para arrancar das prateleiras os gêneros alimentícios sonegados pelos especuladores. A explosão da revolta popular teve início por volta das treze horas, quando a multidão que formava extensa fila em frente à filial do "Depósito da Banha" da rua Marechal Deodoro, após longas horas de espera, viu o estabelecimento abrir-se para que o gerente dissesse que ali não havia feijão. A cólera do povo alcançou rapidamente outras casas comerciais e até as dezoito horas o centro da capital fluminense estêve transformado em verdadeira praça de guerra, com a população a tentar arrebatar dos tubarões algo que lhe matasse a fome e a polícia a espancar, com requintes de barbarismo, trabalhadores e senhoras indefesas. A brutalidade da repressão policial — foram utilizadas as habituais bombas de gás lacrimogêneo que retiram dos agredidos qualquer possibilidade de defender-se dos cassetetes e das pontadas de sabre — deixou um saldo de mais de vinte feridos, alguns gràvemente. Várias prisões de trabalhadores foram efetuadas.

CELSO É O RESPONSÁVEL

Pela manhã, grupos de senhoras, revoltadas depois de martirizante plantão nas "filas da fome", improvisaram uma passeata pelas ruas centrais. Mais de trezentas mulheres participaram da manifestação. A passeata foi até o Palácio do Ingá, à procura do governador Celso Peçanha. Este recebeu muito mal as manifestantes, e instado a tomar providências contra o estado de coisas limitou-se a atribuir a crise de gêneros e a alta dos preços à COFAP e à COAP. Vendo que as autoridades negavam-se a tomar medidas contra os sonegadores o povo decidiu agir com seus próprios recursos. Só então, para espancar e prender trabalhadores e suas famílias, lembrou-se o sr. Celso Peçanha de fazer valer a sua autoridade.

PROVOCAÇÃO

Enquanto se desenrolavam as lutas entre populares e a polícia nas portas dos estabelecimentos vendedores de alimentos e outros artigos de primeira necessidade, três policiais mais tarde identificados como elementos ligados ao MAC invadiram um escritório eleitoral, localizado no número 24 da rua Marquês de Caxias. É o escritório dos candidatos populares (Tenório Cavalcanti, o líder sindical Demistóclides Batista, o advogado Afonso Celso e outros). Ali prenderam um trabalhador e uma senhorita, funcionários do comitê. A provocação foi de pronto rechaçada, e já às dezenove horas uma comissão de dirigentes sindicais exigia e conseguia a libertação dos presos.

FASCISMO

Em nota distribuída à imprensa a Secretaria de Segurança do Estado comunicava, a noite, que havia deliberado proibir quaisquer manifestações de rua [illegible] a partir de então. O povo, segundo o governador, deverá sofrer em silêncio, sem realizar passeatas ou comícios de protesto contra a fome que o tortura e dizima. A nota explicava ainda que as ocorrências da tarde haviam sido provocadas por "agitadores", o que causou viva indignação entre a massa.

Igual repulsa da população de Niterói mereceu uma reportagem do jornal entreguista "O Globo", que viu os acontecimentos como assaltos organizados, praticados por bando de desordeiros contra negociantes honestos e escrupulosos.

TRABALHADORES ALERTA

Os sindicatos operários estão todos em assembléias permanentes. E em reunião do Conselho Sindical de Niterói resolveram repudiar a nota da Secretaria da Segurança. Deliberaram também prosseguir no combate aos sonegadores de gêneros e na denúncia das causas da carestia. Através da Comissão Fluminense contra a Carestia, a Sonegação e o Golpe, organismo formado pelos sindicatos, pelos estudantes e por donas de casa, o povo de Niterói continuará a sua luta contra a fome e contra a falta de providências governamentais. A situação é tensa na cidade, com o povo disposto a não tolerar mais o suplício das filas, onde ao fim de todo um dia de espera não encontra o que comprar ou não pode comprar o que encontra. As ruas do centro estão tôdas ocupadas por policiais armados de fuzis e metralhadoras.

Os dias «amargos» do paulistano

Há cêrca de dois meses que a população paulistana vem sofrendo com a escassês acentuada de dois alimentos básicos: feijão e açúcar. Desde que o produto desapareceu, a COAP paulista vem se reunindo sucessivamente, na tentativa de mostrar que faz alguma coisa para a solução do angustiante problema. Todavia, isto tem servido para mostrar mais claro ao paulistano que as atuações do órgão controlador dos preços favorecem tão sòmente os grandes usineiros de açúcar e os sonegadores de feijão, a maioria dos quais, nestas alturas, preocupada com a eleição do candidato do governador Carvalho Pinto. Assim, o povo de São Paulo, prejudicado há dois meses, com a ciosa, já não acredita mais em órgãos governamentais, não confia mais nas promessas do govêrno de São Paulo. Êle está, isto sim, desesperado, e a única coisa capaz de convencê-lo de que as autoridades trabalham em seu favor, será o feijão e açúcar aparecerem. Do contrário, o governador paulista tem nas ruas um inimigo declarado. Um inimigo esperando dia 7 de outubro para se vingar; ou um estopim prestes a se incendiar, pois há tempos o povo vem acumulando a revolta diante da situação.

Estopim que poderá pegar fogo com fatos como o que, por exemplo, ocorreu dias atrás no largo da Concórdia. A COAP anunciou que naquele dia estaria instalado ali um dos seus postos volantes para a venda de açúcar. Logo nas primeiras horas da manhã, os populares foram formando fila, a espera do caminhão distribuidor do produto. O tempo foi escoando, até que chegou o meio-dia e nada do caminhão aparecer. A fila, onde eram vistos mulheres com crianças de colo, velhos, e garotos, todos portando sacolas e cestas, tinha a extensão de um quarteirão. Havia gente que estava ali mais de 6 horas, e gente vinda de longe, dos confins dos subúrbios da Central do Brasil e Santos-Jundiaí. No fim, tôda aquela gente teve que regressar aos seus lares sem o alimento. Na foto um aspecto da fila para a espera do açúcar que não veio.

GARANTINDO A ESPECULAÇÃO

Portanto fuzis e cassetetes, policiais do governador Celso Peçanha garantem os tubarões da especulação dos gêneros alimentícios, contendo a massa popular que protestava contra a fome. Pouco antes, no mesmo local, os esbirros haviam praticado verdadeiro massacre contra populares, entre os quais inúmeras senhoras, que arrebatavam dos sonegadores os alimentos criminosamente negados.

Govêrno de CP Defende os Envenenadores do Povo: Veto à Encampação Das Usinas!

O debate sôbre o problema do leite irrompeu agitado em São Paulo, mostrando ao povo a verdadeira face do govêrno de Carvalho Pinto. A mesma máquina montada com os recursos fabulosos do tesouro público, que foi lançada neste instante, com todo o seu pêso, para eleger governador o usineiro José Bonifácio, funciona para defender os interêsses dos banqueiros e especuladores, como faz agora para proteger os lucros das usinas de leite contra os interêsses e a saúde da população. Êsse é o motivo porque o govêrno de Carvalho Pinto joga agora tôda a sua autoridade e seu poder para conter o movimento iniciado na Assembléia Legislativa pela encampação das usinas e arquivar a denúncia formulada na Câmara Municipal de que o leite distribuído em São Paulo está envenenado e põe em risco a saúde pública.

VETO E ENCAMPAÇÃO

A orientação do govêrno no que diz respeito à lei aprovada na Assembléia Legislativa autorizando a encampação das usinas de leite, ficou bem clara na reunião que o secretário da Agricultura (exatamente a pasta em que funcionou JB) convocou a semana passada para debater o problema. Produtores, industriais e técnicos do govêrno (entre os quais o presidente da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, o diretor do Departamento do Leite da Sociedade Rural Brasileira e o gerente da Usina Vigor), tomando por base o argumento precário de que a experiência já foi feita e não vingou na GB, em Recife, Belo Horizonte e Niterói, decidiram que o governador Carvalho Pinto deve vetar a lei, adotando-se medidas paralelas «para incentivo da criação de cooperativas regionais, inclusive com a instalação de usinas de leite em pó». Sem esquecer, naturalmente, «a adoção de facilidade para maiores financiamentos agrícolas objetivas".

GOVÊRNO CONTRA POVO

Completa-se, assim, a pressão do govêrno contra vereadores e deputados, sindicatos de trabalhadores e organizações femininas, legítimos representantes do povo, que deram início à campanha pelo barateamento e pela melhoria da qualidade do leite. Porque a verdade é que os delegados do govêrno de Carvalho Pinto, o secretário da Agricultura e os diretores do SPAP e do Departamento de Produção Animal, quando recusaram autenticidade às análises do Instituto Adolfo Lutz, sabiam muito bem o que se passa com relação à espécie de leite vendido em S. Paulo, objeto há muito tempo de uma denúncia do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Laticínios entregue ao próprio governador Carvalho Pinto. Nesse documento, trabalhadores de usinas denunciavam que o leite azedo devolvido pelos varejistas eram misturados com o leite novo para serem vendidos ao povo, após uma operação com a adição de substâncias nocivas ao organismo. Não é por outro motivo que aparece como um dos principais autores da denúncia de que o leite é veneno um médico como o dr. Pompeu do Amaral, especialista na matéria.

SODA CÁUSTICA NO LEITE

Sabe-se de sobejo que as usinas utilizam substâncias nocivas ao organismo para impedir que o leite azede ou coalhe. Quando o leite já está azedado cortam o azedume. O leite que chega do interior, azedado, é misturado com [illegible] e a soda cáustica. Na Vigor, são adicionados sete quilos de soda em pó e um litro de soda líquida, num carro tanque de 4 mil litros. Estranhamente, porém, estas substâncias não são pesquisadas pelos fiscais do leite, nas usinas. E o que é mais: existe um decreto dizendo que o leite para consumo não pode ter menos que 3% de gordura. Ora, se o leite tiver mais, pode muito bem ser misturado com água até que a concentração de gordura chegue ao mínimo permitido, 3%. E' o que acontece em São Paulo, onde nessa base é permitida a mistura de 15% de água no leite. No Rio de Janeiro, em 1953, eram por dia adicionados ao leite 100 mil litros de água, pois verificou-se que chegavam 300 mil litros ao então Distrito Federal e eram vendidos 400 mil! O mesmo decreto federal estabelece que o contrôle das análises é tarefa das usinas quando deveria ser indiscutivelmente do poder público. Também está dito na lei que é proibido o desnatamento. Contudo, segundo denúncia da própria União das Associações Agro-Pecuárias do Brasil Central, a indústria tem tido lucros extraordinários desnatando e misturando o leite desnatado ao que ficou sem desnatar.

San Tiago Aos Trabalhadores: "Politica Externa é Intocável"

"A politica externa é intocável, como a Petrobrás, porque o Itamarati consolidou uma linha de frente que jamais abandonará e que é o ponto de detonação de um grande processo em cadeia, que se estenderá a todos os setores da vida nacional", declarou o ex-chanceler San Tiago Dantas, por ocasião da homenagem que recebeu de dezenas de líderes sindicais ao transmitir a pasta das Relações Exteriores ao subsecretário, deputado Renato Archer.

A sugestão de criar para a politica externa um "slogan" semelhante ao da Petrobrás foi feita diante de centenas de trabalhadores que compareceram ao ato liderados por dirigentes sindicais como Oswaldo Pacheco da Silva, presidente do Pacto de Unidade e Ação, Huberto Menezes Pinheiro, presidente da Conf. Nac. dos Trabalhadores em Empresas de Crédito, Raphael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, e representantes dos marítimos, portuários, operários navais, aeroviários e gráficos.

VANGUARDA

"A força de vanguarda do povo é a classe operária, através de seus sindicatos", disse o sr. San Tiago Dantas, acrescentando que em sua gestão o Itamarati abriu suas portas para os trabalhadores, promovendo em atmosfera de liberdade e intimidade, um diálogo que nunca existia entre o Ministério das Relações Exteriores e os trabalhadores, através de seus sindicatos.

Sublinhando a afirmação de que "quem impõe uma politica interna independente são as classes trabalhadoras", o sr. San Tiago Dantas destacou algumas aspectos independentes da política que imprimira ao Ministério, notadamente o estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com a área socialista, e a posição do Brasil na Reunião de Consulta de Punta del Este, contrária à expulsão de Cuba da OEA.

OPRESSÃO

O ex-chanceler teceu considerações sôbre as pressões exercidas pelos poderosos, afirmando que "estamos em luta contra todos os tipos de opressão: opressão do país mais forte sôbre os mais fracos, e a opressão das classes e dos interêsses".

"Uma política externa independente evita a pressão externa, como uma política interna independente evita a pressão interna" — acrescentou.

SAUDAÇÃO

Em nome dos trabalhadores falou o líder estivador Osvaldo Pacheco da Silva, presidente do Pacto de Unidade e Ação e da Federação Nacional dos Estivadores, que saudou o ex-ministro patenteando o reconhecimento dos trabalhadores pelos novos rumos imprimidos à política externa e pela pregação do sr. San Tiago Dantas em prol das reformas de base.

O dirigente sindical, em discurso caloroso, condenou a escolha do sr. Auro de Moura Andrade para o pôsto de "Premier" e as soluções apontadas pelas classes dirigentes através de recurso à Aliança para o Progresso, ao imperialismo norte-americano.

Referindo-se à escolha do primeiro-ministro e à composição do Gabinete, feitas através de compromissos com as cúpulas politicas reacionárias, divorciadas dos anseios populares, Osvaldo Pacheco salientou:

"Os que não quiseram assumir compromissos com os trabalhadores e com o povo não cumprem seu dever com o país e não podem merecer a nossa confiança. Não durará muito um govêrno composto de homens como Moura Andrade, que fala uma linguagem incompreensível, que acentua ser a inflação a causa de todos os nossos males, mas que é incapaz de apontar uma só das inúmeras causas básicas do fenômeno da inflação."

O líder estivador assegurou ao ex-chanceler que a luta não cessaria, afirmando:

"Não ficaremos de braços cruzados. Continuamos em nossos esforços visando o esclarecimento, a organização e a mobilização das massas trabalhadoras. Neste processo, utilizaremos tôdas as formas de luta para impedir que os entreguistas realizem com o nôvo Gabinete a politica que pretendem, contrária aos interêsses nacionais."

GREVE

Criticando os homens públicos que "querem ignorar a realidade da participação do povo na politica exterior", Osvaldo Pacheco reafirmou que os trabalhadores poderão ir à greve geral.

«Não estranhe V. Excia. — disse, dirigindo-se ao ex-ministro San Tiago Dantas — o surgimento, nos próximos dias, de greves parciais ou totais, em alguns setores de atividades. Serão greves de protesto, e o seu objetivo não é outro senão o bem-estar e a felicidade de nosso povo».

EMANCIPAÇÃO

O presidente do Pacto de Unidade e Ação fêz questão de frisar que a luta dos trabalhadores, que é a luta pela emancipação econômica, política e social do povo brasileiro, continuará em escala crescente.

«Não seremos, dentre os povos que lutam por sua emancipação, os últimos a conquistá-la».

Dentro dêsse espírito, o dirigente sindical apontou como lesivos aos interêsses nacoinais acôrdos como os firmados pelo governador Lacerda com o ponto IV, para a construção de mercados, observando que «a solução não é a Aliança para o Progresso, mas impedir a evasão de dólares».

PIONEIRISMO

Momentos antes de entrevistar-se com os trabalhadores, o ex-chanceler estivera se despedindo, como é praxe, dos funcionários do Itamarati, quando afirmou que a politica externa brasileira desempenhou nos últimos tempos «papel pioneiro na luta pela reafirmação de seus destinos, com uma visão universalista e não paroquial».

O sr. San Tiago Dantas afirmou que de agora em diante «a ação dêste Ministério pertence à opinião pública, começa no povo ou nêle se acaba».

Assegurando que apesar de encontrar-se «sob a marca da controvérsia» não recuará, o ex-ministro acrescentou:

«Se não nos lançarmos à luta com energia, o Brasil deixará de realizar a sua vocação. E se não queremos faltar à nossa vocação, teremos inevitàvelmente de rebelar-nos contra tudo que constitui entrave ao nosso desenvolvimento, que nos ofende e nos condena à existência em que vegetamos».

Milhões de Trabalhadores Param Contra Golpe e Por um Gabinete Nacionalista

Exatamente ao primeiro minuto de hoje, milhões de trabalhadores de tôdas as categorias profissionais entraram em greve, em todo o território nacional, protestando contra as ameaças das fôrças reacionárias e golpistas e exigindo a formação de um Conselho de Ministros nacionalista e democrático.

A greve, que terá a duração de 24 horas, mas que poderá ser prolongada, dependendo da evolução dos acontecimentos, foi decretada às 15,30 horas de ontem, na reunião realizada na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, com a presença dos representantes das mais importantes organizações sindicais nacionais, entre as quais a CONTEC, o Pacto de Unidade e Ação e inúmeras outras organizações de âmbito nacional.

ANTECIPAÇÃO

Atendendo às recomendações do Comando Geral da Greve, os ferroviários da Leopoldina e os portuários do Rio de Janeiro, inclusive estivadores, paralisaram o trabalho a partir das 20 horas.

Enquanto isso, emissários do presidente da República se dirigiam à sede da CNTI, onde está localizado o Comando Geral da Greve, com a incumbência de evitar a deflagração do movimento paredista, sob a argumentação de que, com a renúncia do sr. Moura Andrade, estariam superados os motivos da greve. Os líderes sindicais mantiveram sua decisão, salientando que a greve tinha um caráter de advertência a todos os que pretendem conciliar com os piores inimigos do País, e protelar a realização das reformas de base, indispensáveis à solução dos graves problemas nacionais, dentre os quais se inclui o da elevação brutal do custo da vida e da falta de gêneros para o abastecimento da população.

MANIFESTO DO COMANDO

Logo após a decretação da greve geral, o Comando do movimento pela legalidade e por um Gabinete nacionalista e democrático distribuiu a seguinte nota:

AOS TRABALHADORES!
AO POVO EM GERAL!

"Como previmos, em nossos pronunciamentos, se trama contra a legalidade constitucional, se pretende implantar uma ditadura reacionária, acobertada com um Conselho de Ministros composto de inimigos jurados do nosso progresso, de nossa independência e tranqüilidade.

Uma maioria eventual na Câmara dos Deputados rejeitou a primeira indicação do Presidente da República. Animados com essa votação, querem as fôrças golpistas constituir um Conselho de Ministros de entreguistas e obrigar o Presidente da República a sancioná-lo.

Neste momento, apoiamos as energicas declarações do Senhor Presidente da Republica e estamos coesos em tôrno de que não transija nem compactue com êsses inimigos de nossa Pátria e de nosso povo. Estejam certos de que os trabalhadores e as demais fôrças patrióticas, civis e militares, não permitirão seja rasgada a Constituição e se entronizem no poder os que nos querem esmagar e amordaçar.

Em defesa da legalidade constitucional, em favor de um Conselho de Ministros nacionalista e democrático, em defesa das liberdades democráticas e sindicais, de acôrdo com as decisões de nossos Congressos e Conferências, em defesa de nossos lares ameaçados pela fome e a miséria, decretamos a GREVE GERAL, em princípio, por 24 horas, a partir da meia-noite de hoje, dia 4, e que unidos e mobilizados em nossos Sindicatos e Concentrações, aguardaremos a palavra de ordem do Comando Geral da Greve.

A nossa greve, a nossa mobilização e a nossa unidade tornarão vitoriosos os nossos objetivos que são os de todo o povo brasileiro."

Por um govêrno democrático e nacionalista!"

Rio de Janeiro, 4 de julho de 1962

aa) Dante Pellacani — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria — Osvaldo Pacheco da Silva — Pacto de Unidade e Ação — Huberto Menezes Pinheiro — Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito — Ubaldino Santos — Federação Nacional dos Estivadores — Raphael Martinelli Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários — Raimundo Casteio de Souza — Federação Nacional dos Trabalhadores em Transporte Marítimos e Fluviais — Rubens Pinho Teixeira — União dos Portuários do Brasil — Felipe Ramos Rodrigues — Federação Nacional dos Portuários — Alvaro Ventura — Sindicato dos Operarios Navais do Estado do Rio e Guanabara — Antônio Pereira Netto — Sindicato Nacional dos Contramestres, Moços e Remadores da Marinha Mercante — João Batista Gomes — Sindicato Nacional dos Foguistas da Marinha Mercante — Ademar Latrilha — Sindicato Nacional dos Mestres e Pequena Cabotagem em Transportes Marítimos — Felicíano Honorato Wanderley — Sindicato Nacional dos Taifeiros, Culinarios e Panificadores Marítimos — Othon Canedo Lopes — Sindicato Nacional dos Aeroviários — Hércules Corrêa dos Reis — Comissão Permanente das Organizações Sindicais do Estado da Guanabara — Luiz Viegas da Mota Lima — Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários dos Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Espirito Santo — Severino Schnaipp — Federação Nacional dos Arrumadores — Meçando Rachid — Sindicato dos Condutores de Veiculos Rodoviários e Classes Anexas — Newton Oliveira — Federação Nacional dos Trabalhadores na Indústria Gráfica — Wilson Reis — Federação Nacional dos Telegráficos — Hemilcio Fróes — Federação Nacional dos Radialistas — Nelson Mendes — Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas — Paulo Santana — Federação Nacional dos Trabalhadores em Emprêsas de Transportes Aéreos.

NOTA DO PACTO

A Diretoria do Pacto de Unidade e Ação, composta de representantes de trabalhadores marítimos, portuários, ferroviários e estivadores de todo o País, logo após decretada a greve geral de tôdas as categorias profissionais, reuniu-se e distribuiu a seguinte nota, assinada pelos líderes Oswaldo Pacheco, Rubens Teixeira, Geraldo Matos, Raimundo Castelo de Souza e Felipe Ramos Rodrigues:

DEFLAGRAÇÃO DE GREVE GERAL

"Reunidos esta tarde, na sede da CNTI, para apreciar os graves acontecimentos politicos que vêm se desenrolando desde as últimas horas da noite de ontem, os dirigentes representantes das categorias integrantes do Pacto de Unidade e Ação, conjuntamente com as entidades da indústria e comércio, aprovaram por UNANIMIDADE A DEFLAGRAÇÃO DA GREVE GERAL EM TODO O PAIS, A PARTIR DA MEIA-NOITE DE HOJE.

Tal medida se impôs depois de esgotadas todas as tentativas que fizeram as classes trabalhadoras para que se constituisse um Conselho de Ministros democrático e nacionalista. O que se vê, em troca, é a pressão das cúpulas partidárias no sentido de uma composição antipopular e contrária aos interêsses da nação. Não satisfeitas com isso ainda pretendem fazer voltar aos postos de comando das fôrças armadas aquelas mesmas figuras do golpismo, que obrigaram os trabalhadores a parar o Brasil em agôsto de 1961.

Não poderíamos permanecer indiferentes à ameaça que paira sôbre o povo e as conquistas dos trabalhadores. Nem seríamos mais dignos do respeito de nossos companheiros se faltássemos agora ao chamamento histórico que nos reclama o povo espoliado e escamoteado por êsses politicos que se agarram ao poder a fim de manter os mesmos e antigos privilégios. **Conclamamos todos os trabalhadores do Pacto a se manterem unidos até a conquista de nossos objetivos patrióticos: um Gabinete democrático e nacionalista, capaz de realizar, ao lado dos trabalhadores e das fôrças progressistas da Nação, as reformas de base indispensáveis ao nosso desenvolvimento e a ampliar e fortalecer a nossa politica externa independente e soberana! Defendamos as liberdades sindicais!**

Todos unidos até à vitória!

Vivam as liberdades democráticas!

Viva a unidade da classe trabalhadora!

Viva o Pacto de Unidade e Ação!"

OS PIQUETES

Imediatamente após a decretação da greve, os dirigentes de tôdas as categorias profissionais de trabalhadores se dirigiram às sedes de suas organizações, a fim de organizarem os piquêtes de paralisação e de propaganda. Telegramas e ligações telefônicas comunicavam as organizações sindicais de todo o País a palavra de ordem de greve geral de 24 horas, ser deflagrada no primeiro minuto de hoje.

Os primeiros a atenderem a voz do Comando Geral foram os ferroviários da Leopoldina, que paralisaram o trabalho exatamente às 19,30 horas dde ontem. Logo depois, eram os portuários do Rio de Janeiro que iniciavam a greve pela legalidade e por um Gabinete nacionalista e democrático.

NOTA DOS BANCÁRIOS

A maioria das entidades sindicais sediadas na Guanabara imprimiram imediatamente manifestos conclamando suas respectivas categorias à greve geral. Logo às primeiras horas da tarde, o Sindicato dos Bancários distribuia a seguinte proclamação aos seus filiados:

"BANCARIOS:

Atravessa o país um momento decisivo para o seu futuro. As mesmas fôrças que, através de manobras as mais diversas, pretenderam no passado julgar o ascenso democrático e mnossa Pátria, hoje se articulam para impor ao Brasil um Governo desvinculado das aspirações populares e comprometido com a situação de carestia e misérias que aí está.

Ontem, abertamente contra a Constituição e hoje mascaradas por uma falsa legalidade, pois para atingir seus objetivos nunca vacilaram em mutilar os mandatos conferidos pelo povo, essas fôrças retrógradas, avidas de poder e apegadas a seus privilégios, intentam instaurar no país um clima policial contra as mais legítimas reivindicações populares.

Não é por acaso que as figuras exponenciais dêsse verdadeiro conluio contra o povo jamais estiveram ao nosso lado, solidários com as nossas campanhas por melhorias de condições de vida. Não é por acaso que êles sempre se pronunciaram contra os movimentos grevistas dos trabalhadores. Não é por acaso que êles se identificam com banqueiros e latifundiários e com os interêsses sabidamente antinacionais.

Pois bem, companheiros, a Classe Trabalhadora compreendeu que não pode ficar indiferente diante dessas manobras contra os seus interêsses, consciente de que, se não barrarmos AGORA a tentativa de fazer retroceder as conquistas políticas, sociais e econômicas do povo brasileiro, amanhã não teremos sequer a liberdade e o direito de reivindicar reajustamento salarial.

Por isso, a Diretoria do Sindicato e o Comando Geral de nossa gloriosa greve de outubro de 1961, plenamente identificados com o COMANDO NACIONAL DOS TRABALHADORES, confiam na capacidade de luta e na consciência da classe bancária para o pleno acatamento da seguinte

PALAVRA DE ORDEM

1.º — Fica decretada a GREVE GERAL DOS TRABALHADORES, a partir de zero hora do dia 5-7-62 até às zero horas do dia 6-7-62;

2.º — O Comando Nacional dos Trabalhadores examinará a conveniência de estender a duração da Greve Geral por mais de 24 horas;

3.º — Devem todos os trabalhadores concentrarem-se nos seus Sindicatos, permanentemente, durante a duração da Greve Geral;

4.º — Os grevistas concentrar-se-ão, no dia 5, às 15 horas, nas escadarias da Assembléia Legislativa do Estado (Palácio Tiradentes).

COLEGAS!

Ninguém está dispensado desta luta!

Greve por um Govêrno identificado com o povo e os interêsses do Brasil! Greve contra a miséria e a carestia!

Greve contra os exploradores da bôlsa do povo!

Greve por melhores condições de vida para o trabalhador!

Greve do povo contra o antipovo!

A DIRETORIA
O COMANDO GERAL"

UNE SOLIDÁRIA

O acadêmico Aldo Arantes, presidente da União Nacional dos Estudantes, estêve presente a reunião dos líderes sindicais que decretou a greve geral de 24 horas, hipotecando a solidariedade dos estudantes, já em greve há vários dias, à luta dos trabalhadores em defesa da legalidade, contra os golpistas e por um Conselho de Ministros democrático e nacionalista.

São Paulo confirma a greve

SAO PAULO, 4 — URGENTE — (Da Sucursal) — O Comando Geral da Greve em São Paulo, reunido esta noite, acaba de ratificar a decisão aprovada pela CNTI e demais organizações sindicais, que decretaram a paralisação geral de tôdas as atividades a partir das 24 horas de hoje.

TUBARÕES E FASCISTAS QUERIAM AURO PARA EXPLORAR MAIS O POVO

Para ter-se uma idéia do que representaria o sr. Auro de Moura Andrade como Primeiro Ministro, basta ver o entusiasmo com que o acolheram alguns dos mais empedernidos reacionários dêste País. O órgão oficial da reação, O Globo, apressou-se em divulgar-lhes a a opinião, a opinião das chamadas "classes produtoras".

Uma de suas mais altas expressões é o sr. Rui Gomes de Almeida, presidente da Federação das Associações Comerciais, de conhecidas tendências fascistas, partidário do monopólio do comércio exterior do Brasil pelos Estados Unidos. O sr. Rui Almeida, como era de esperar, aplaudiu entusiasmado a indicação do milionário paulista de Andradina. Outro que lhe bateu palmas foi o sr. Zulfo de Freitas Mallmann, presidente da Federação das Indústrias da Guanabara. O sr. Mallmann aguardava ansioso um Gabinete que lhe possibilitasse continuar multiplicando seus lucros como presidente da Laboratório Silva Araújo Russel, emprêsa ligada ao capital financeiro norte-americano. Ainda outra dessas "personalidades" a que costuma recorrer nos momentos agudos O Globo e que se regozijou com a escolha do Primeiro Ministro é o sr. Jorge Behring de Matos, nazista conhecido, anticomunista feroz, financiador de campanhas fascistas contra organizações democráticas. Trata-se de um banqueiro e industrial estreitamente ligado a capitais norte-americanos.

Não é difícil compreender porque tamanhas expressões de satisfação entre tubarões de tal vulto. É que êles viram no programa anunciado pelo sr. Moura Andrade como de "combate à inflação" uma oportunidade para congelar salários e lançar sôbre os ombros dos trabalhadores uma carga ainda maior do que êles já suportam na difícil situação econômica e financeira que atravessa o País. Não se lembram de que a inflação pode ser detida, como afirmava recentemente um de seus pares, o sr. Nilo Sevalho, com um pequeno corte em seus fabulosos lucros.

Semelhantes manifestações servem magnificamente para identificar o sr. Moura Andrade e o Gabinete que êle poderia formar como uma péssima escolha, uma escolha contra os interêsses do povo e dos trabalhadores.

REPULSA EM TODO O PAÍS E EXIGÊNCIA DE PUNIÇÃO

Senhores da Terra Mandaram Fuzilar Filho de João Pedro

Tôda a opinião pública nacional vibrou de indignação com o monstruoso crime de que foi vítima, há dois meses, o camponês pobre de Sapé, na Paraíba, João Pedro Teixeira. Deixava êle mulher e 11 filhos menores. Agora, no mesmo lugar onde foi abatido seu pai, a mando dos mesmos criminosos que o assassinaram, tombou mortalmente ferido um filho menor do humilde agricultor: Pedro Paulo, de 11 anos de idade. O nôvo crime ocorreu no dia 29 de junho, às 17,30.

O menino Pedro Paulo estava trabalhando na roça, colhendo macaxeira, juntamente com seu irmão mais velho, Abraão e de outro irmão, Isac.

— Subitamente, contou Abraão, chegou Manuel Inácio, velho inimigo de papai, armado de uma espingarda. Fêz pontaria em Pedro Paulo e atirou. Só vi quando meu irmão caiu ensanguentado..."

O crime contra a família de João Pedro Teixeira era previsto. Quando Elisabete, sua mulher, estêve no Rio recentemente, denunciou perante a imprensa que ela e tôda a sua família estavam sob a mira dos mesmos assassinos que haviam tirado a vida a seu marido. Queriam expulsá-los da terra, por bem ou por mal.

Além disso, era sabido que funciona, perfeitamente organizado pelos grandes fazendeiros e por êles comandado, um "Sindicato da Morte" destinado a intimidar as ligas camponesas e eliminar seus membros ativos e destacados. João Pedro Teixeira, presidente da Liga Camponesa de Sapé, foi uma de suas vítimas, mas não a única. Já antes havia sido morto, a mando dos latifundiários, Alfredo Martins, escapando casualmente, gravemente ferido, outra vítima dos monstros da Paraíba: Pedro Fazendeiro.

O bando de latifundiários e capangas em ação é por demais conhecido na Paraíba e em todo o Nordeste. Os chefes principais são os grandes proprietários de terra Agnaldo Veloso Borges, Pedro Ramos Ribeiro, Renato Ribeiro Coutinho, correligionários e membros da mesma oligarquia econômica e política, empenhada de unhas e dentes em impedir qualquer mudança na estrutura agrária da Região. São êles — todos o sabem — os principais responsáveis pelo assassinato de camponeses pobres.

A hediondez de seus crimes atingiu o auge com o atentado contra a vida de uma criança. Aí nada podiam alegar os mandantes do crime. Tratava-se de um menor, de 11 anos de idade, que não pertencia a qualquer organização, política ou apolítica.

O que está em causa, portanto, é a insegurança absoluta a que estão entregues os trabalhadores rurais, sujeitos à sanha de bandidos de alto coturno, como aquêle Agnaldo Veloso Borges que, ao ver-se sob ameaça de prisão, ocupou o cargo de deputado estadual, como um dos últimos suplentes, para ter imunidades parlamentares, Êste seu ato foi ao mesmo tempo uma confissão implícita do crime que mandara praticar.

Agora, abre-se outro inquérito. Vai juntar-se aos numerosos já existentes sôbre delitos semelhantes em todo o Nordeste, inclusive o que se instaurou após o crime de outro latifundiário, êste de Pernambuco, mandando marcar com ferro em brasa um membro de liga camponesa.

Prendeu-se o capanga que atirou no menino Pedro Paulo. Êsse criminoso a sôldo chama-se Manuel Inácio e confessou ser jagunço do latifundiário Antônio Vitor, dono das terras onde se encontra a miserável choupana da viúva de João Pedro Teixeira, Elisabete Teixeira, que aí vive com seus filhos.

A opinião pública, justamente revoltada, exige a punição dos criminosos, do mandante como do executante do monstruoso crime.

Mas não basta. Esta será apenas uma medida de ordem jurídica. Enquanto a massa camponesa pobre está reclamando justiça social. Justiça social, neste momento, para os despossuídos e os pobres do campo significa a liquidação do poder econômico e político dos grandes latifundiários, única maneira de acabar com seu arbítrio e com seus crimes. Por isso, não pode parar o movimento camponês pela reforma agrária que já lançou suas bases em todo o País e que tem no Nordeste um de seus baluartes.

Os assassinatos com que os latifundiários tentam barrar a luta pela reforma agrária não conseguirão intimidar a massa camponesa. Esta continuará a engrossar as fileiras das ligas e das associações de lavradores e trabalhadores agrícolas, a sua grande arma na luta pela terra, pela reforma agrária.

Nota Econômica

Josué Almeida

O mistério dos lubrificantes

O Sub-secretário das Minas e Energia, sr. Celso Passos, vem de dirigir-se ao presidente do Conselho Nacional do Petróleo, sr. Carlos Meirelles, solicitando urgência "para o problema do tabelamento dos óleos lubrificantes, objeto de processo que se encontra há mais de três anos naquele órgão".

Apesar dos êxitos já obtidos na luta patriótica do nosso povo em defesa do monopólio estatal do petróleo, o fato é que o tabelamento dos óleos lubrificantes até hoje não pôde efetivar-se devido à oposição "fôrça total" oferecida pelos trustes à indispensável medida. Essa oposição decorre do fato de constituir a venda dos óleos lubrificantes uma fonte de lucros astronômicos; principalmente para a ESSO e a Shell. No dia que fôr conhecida a história dêsse processo de tabelamento de lubrificantes, que se arrasta há três anos no CNP, o povo ficará conhecendo também uma página típica e das mais vergonhosas da dominação imperialista norte-americana no Brasil.

Os óleos lubrificantes, dos quais existe uma centena ou mais de tipos, conforme os fins a que se destinem, constituem no Brasil uma insignificante parcela do mercado de derivados de petróleo — cêrca de 1,7% pelo volume físico. Entretanto, em valor, representam cêrca de 20 por cento do mercado. Essa disparidade decorre dos preços altos e arbitrários cobrados aos consumidores — principalmente os proprietários de automóveis e caminhões — pelos trustes distribuidores. Em 1961, por exemplo, segundo o último relatório da Petrobrás, foram importados 1 milhão 320 mil barris de óleos lubrificantes, a um preço médio de 11 dólares e 82 cents por barril (incluídos o custo e as despesas de transporte). Convertendo em cruzeiros, a uma taxa de 300 cruzeiros por dólar (na realidade, a taxa média do dólar-petróleo, em 1961, foi sensivelmente mais baixa), encontraremos que cada barril de óleo lubrificante pôsto no Brasil ficou por Cr$ 3 546,00. Cada barril de petróleo contém cêrca de 159 litros, o que quer dizer que um litro de óleo lubrificante chega no país por Cr$ 22,30. É vendido ao consumidor por preços que variam entre 150 e 200 cruzeiros o litro (tipos "motor oil", que constituem cêrca de 80% do consumo).

Dirá o leitor: se são conhecidos a quantidade e o preço de importação dos óleos lubrificantes, por que, então, o govêrno não os tabelou antes? Não o fêz pela recusa sistemática e descarada dos trustes em informar o CNP sôbre a composição química e o custo dos elementos adicionados ao óleo, etc. Entretanto, há cêrca de três anos, o Conselho já dispõe de cálculos aproximados sôbre as despesas complementares necessárias para levar o produto aos consumidores, despesas essas que se situam abaixo do custo do óleo. Portanto, no máximo, uma lata contendo 1 litro de óleo lubrificante, computados o custo e tôdas as despesas, não custará mais de 45-50 cruzeiros. Mas, essa mesma lata é vendida por um preço três a quatro vêzes maior. Trata-se, como se vê, de uma verdadeira escorcha do consumidor nacional e de uma fonte de lucros astronômicos para os trustes estrangeiros.

Êsse fato escandaloso tem sido objeto de contundentes denúncias entre as quais figura importante discurso pronunciado na Câmara, o ano passado, pelo deputado Clélio Lemos.

Dizem os jornais que, respondendo ao sr. Celso Passos, o atual presidente do CNP declarou-lhe que "dentro de 24 horas os estudos estariam concluídos". Os próximos dias dirão se os trustes perderam esta batalha.

GREVE DA UNE: PASSEATA SEXTA-FEIRA

Nova manifestação de rua da greve dos universitários terá lugar amanhã, sexta-feira, na Guanabara: uma passeata, partindo do Restaurante Central dos Estudantes, na ponta do Calabouço, às 18 horas. Os estudantes percorrerão várias ruas do centro, portando faixas e cartazes e realizando vários pequenos comícios durante o trajeto. Do Largo de São Francisco retornarão ao ponto de partida, utilizando outro itinerário e sempre aproveitando pequenas paradas para esclarecimentos ao povo sôbre as razões da greve (a luta pela participação dos alunos nos órgãos de administração dos estabelecimentos de ensino superior, na base de um estudante para cada dois professôres) e para conclamá-lo a cerrar fileiras com os trabalhadores e os estudantes no repúdio ao conselho de ministros antipopular proposto pelo senhor Moura Andrade e na batalha por um gabinete nacionalista e democrático.

Os estudantes convidaram o chanceler San Tiago Dantas a proferir na sede da UNE uma conferência sôbre a atualidade nacional. A palestra realizar-se-á provàvelmente sexta-feira, dia 6, dependendo ainda de confirmação de San Tiago, que havia assumido, antes, outro compromisso.

A partir do início da próxima semana, segundo determinação do comando da greve e da diretoria da UNE aos diretórios acadêmicos de todo o país, deverão começar a chegar ao gabinete do ministro da Educação e Cultura telegramas pessoais de todos os universitários brasileiros exigindo o atendimento da pretensão estudantil.

Na têrça-feira, dia 10, deverá ser posta em prática, em todo o território nacional, a "operação 2", que não se constituirá mais de uma marcha sôbre Brasília, mas sim de uma medida que será mantida em sigilo até momentos antes de sua execução.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Amigos de Alto Mandaqui (S. Paulo-SP)	1.150,00
João F. Carvalho Filho (S. Luiz-Ma)	200,00
Hélio Cavalcanti (Rio-GB)	1.000,00
Antonio Santos (Nanuque-MG)	1.000,00
Amigos do Rio Comprido (Rio-GB)	1.000,00
Benedito (Rio-GB)	800,00
Grupo SP (S. Paulo-SP)	2.500,00
Marítimo Patriota (Rio-GB)	500,00

O MARXISMO E A INTELECTUALIDADE

Teoria e Prática

Os comunistas, sua teoria social e sua ação política

Apolônio de Carvalho

Sem sua teoria de vanguarda, sem a ação política independente e revolucionária que lhe permite coordenar e guiar as aspirações e as lutas do proletariado e do povo, à base de relações concretas e viáveis que abram caminho aos objetivos finais, o Partido converte-se num corpo estranho ao meio social em que atua. Ou marcha a reboque da política burguesa, ou se confina na estreiteza de uma seita. Num e noutro caso, desarma o proletariado e as massas trabalhadoras em geral face a seus inimigos de classe; num e noutro caso, nega e trai sua missão histórica e o longo e doloroso processo de lutas, desenganos e sofrimentos que a classe operária enfrentou para chegar à compreensão de sua necessidade e criar condições para fazê-lo nascer.

Esse processo passou, na Europa, por várias etapas: o socialismo utópico, com sua ata de acusação da sociedade capitalista; o luddismo ou a revolta contra as máquinas; as ilusões iniciais no alcance transformador dos sindicatos; as pequenas corporações clandestinas que vão da conspiração de Babeouf aos grupos armados de Blanqui. O Cartismo traz à arena política a fôrça das grandes massas do proletariado inglês, mobilizadas em tôrno de um programa que inclui reivindicações econômicas e políticas. Não é ainda um movimento totalmente independente da influência e da plataforma política da burguesia industrial. Mas traz consigo a demonstração maciça do que pode o proletariado unido e organizado e, com suas lutas e seu programa, abre caminho à criação de um partido político independente da classe operária.

No Brasil, êsse processo é relativamente rápido. É verdade que só em 1858 estalam as primeiras greves operárias. Mas já em 1892 se realiza um Congresso socialista e, em 1895, funda-se o Partido Progressista Operário. São, porém, tentativas fugazes que nascem mais da influência externa que da assimilação de uma clara consciência e de uma teoria social. Em 1906 fundem-se os primeiros sindicatos — e, com êles, acelera-se a marcha para uma ação política independente. Cria-se, no mesmo ano, a Confederação Operária do Brasil, como tentativa de uma organização de caráter político. A influência anarquista pesa ainda, porém, na direção do movimento operário e retarda ainda o processo. A partir de 1913-1914, a iminência da guerra e sua deflagração vão, finalmente, levar a classe operária a amplas ações de massas de caráter nitidamente político. Sua ação volta-se, inicialmente contra a guerra e os Estados burgueses responsáveis por ela; mas ganha fôrça e conteúdo à proporção que as revoluções russas de 1917 abrem o caminho da paz e de um nôvo regimen social. A greve geral de São Paulo, em julho de 1917, e a greve dos tecelões de Magé, em 1920, mostram a inadiável necessidade de um partido político independente e de um programa de ação política.

Daí, os primeiros núcleos de organizações comunistas e seu coroamento no Congresso de 25 de março de 1922. Daí, a marcha para a assimilação do marxismo-leninismo, e para o estabelecimento de uma ação política apoiada na realidade nacional — o que Astrojildo Pereira nos descreve, em minúcia e com clareza, em sua "Formação do PCB".

Fausto Cupertino

A discussão informal sôbre o desenvolvimento do marxismo no Brasil e os problemas por êle colocados, iniciada em NOVOS RUMOS pelo artigo de Jorge Miglioli poderá incluir-se, a meu ver, entre as melhores contribuições que nosso semanário tem dado em seus três anos de existência. Acredito também que tal discussão dificilmente poderia ter sido realizada antes e, os artigos publicados até agora o mostram, mesmo hoje ainda se desenvolve de forma tímida. Um dos motivos para que isto ocorra é, em minha opinião, uma atitude já ultrapassada na maneira em que ainda encaramos o problema. Mais concretamente: quase sempre, quando se discute o problema do intelectual marxista ou do trabalho do Partido entre os intelectuais, nos o fazemos [illegible] de um lado, e Partido, do outro. Mais ainda, quando afirmamos, por exemplo, que o Partido não tem dado a importância necessária ao trabalho entre os intelectuais, estamos endossando uma atitude clássica do período stalinista, isto é, a identificação sub-repticia entre o Partido e a direção do Partido. Isto, evidentemente, não é feito de forma clara e declarada, mas a atitude é, na realidade, esta. Como ponto de partida, apresento então a famosa "profissão de fé" de Bertolt Brecht quando pergunta: afinal de contas quem é o Partido?, para responder em seguida — o Partido somos nós. No caso, devemos, a meu ver, concluir que os principais responsáveis pela política do Partido em relação aos intelectuais (e, obviamente, pela produção marxista), somos nós mesmos, os intelectuais marxistas, no sentido de que é a nós que cabe indicar ao Partido (isto é, à sua direção e ao conjunto do Partido, através da nossa imprensa e durante os debates précongressuais) a melhor política em relação à intelectualidade.

Outra atitude errada que prejudica as discussões até hoje realizadas entre nós sôbre o assunto constitui, a meu ver, a falta de conexão íntima entre o problema da intelectualidade e a situação geral do Partido, na totalidade das intervenções de que me recordo. Em outras palavras, apenas superficialmente, compreendemos que o trabalho do Partido entre os intelectuais ou o trabalho intelectual do Partido não poderiam andar bem na medida em que o amadurecimento ideológico do Partido (inclusive o de seus intelectuais, é claro) e nosso conhecimento da realidade brasileira deixavam muito a desejar. Mais ainda: na medida em que a linha política geral do Partido não se adaptava às condições de nosso país.

Ninguém ignora o fato de que, por exemplo, ao terminar a Segunda Guerra Mundial, o prestígio do Partido entre os intelectuais era mais que invejável. Expressiva parcela dos melhores intelectuais brasileiros era militante ou simpatizante comunista. Sabemos igualmente que êsse enorme capital foi pessimamente utilizado. Responde-se então ao porquê disto dizendo que o trabalho do "Partido" entre os intelectuais era errado, ou fraco, ou inexistente. Tal resposta não pode nos satisfazer. É preciso ir mais fundo e procurar as verdadeiras causas. Um exemplo talvez esclareça melhor a coisa. Jorge Amado coloca-se sem qualquer dúvida entre os melhores escritores que o Brasil já teve. Sua volumosa obra literária e sua atividade pessoal como intelectual militante foram durante anos e anos uma excelente propaganda do comunismo no Brasil e aqui o são, pelo menos no que diz respeito à sua obra até o excelente "Gabriela". Alguns de seus livros são realmente admiráveis e fazem parte definitivamente de nosso patrimônio literário. Não o conhecendo pessoalmente, estou em ótima situação para poder julgá-lo do ponto de vista do leitor comum. E o que acontece é que o leitor comum, ou melhor, o intelectual que procura alimentar uma formação teórica sôbre a literatura em particular e a arte em geral, não encontra em Jorge Amado qualquer apoio. Êle escreve bons livros mas não nos explica como e porquê os escreve, nem porquê êstes livros são bons e outros representantes de outras tendências, não o são. É claro que não pretendo aqui culpar Jorge Amado pela situação existente, mesmo porque êle pelo menos escreveu os livros. O fato porém é que nem êle nem outros se encarregaram sistemàticamente da tarefa de contribuir na formação teórica da intelectualidade brasileira, coisa ainda agravada por uma atividade editorial bastante precária. Chegamos mesmo ao ponto de fundar um jornal literário que, apesar de contar com um bom público inicial e com ótimo corpo de redatores e colaboradores, morreu porque leitores e responsáveis chegaram à conclusão de que êle não tinha nada de nôvo a dizer.

Se passarmos da literatura para a economia, muda o cenário e os personagens, mas não o drama. Aqui, entretanto, êle se torna mais claro. De fato, até o momento em que foi mudada radicalmente a linha do Partido, depois das memoráveis "batalhas" de 1956 e 1957, a possibilidade de êxito no trabalho entre os intelectuais ou em nossa produção intelectual era das mais reduzidas. Não existindo um clima propício à pesquisa da realidade nacional ou à pesquisa teórica, poucos foram os que se aventuraram a dizer algo de concreto sôbre a economia e a sociedade brasileiras. Os choques que se produziram levaram a que boa parte dêles se afastassem total ou parcialmente do Partido, que seguiu "imperturbável" o seu rumo.

Olhando para trás, o que se vê, ao que me parece, é que os dois lados do problema trabalho entre os intelectuais e produção intelectual propriamente) só poderiam se aguçar, sem encontrar solução, enquanto perdurasse a política geral inadaptada às nossas condições. Os intelectuais teriam necessàriamente que representar um perigo para essa linha política, na medida em que sua profissão consiste exatamente em pesquisar ou representar artisticamente esta realidade, e se conservariam, dêsse modo, como corpo estranho e "suspeito". Modificada a linha política, criam-se as condições para resolver satisfatòriamente o problema, mas não de uma hora para outra, já que o encontro de cada uma das soluções particulares exige pesquisa, acúmulo, tempo. Hoje, parece-me que possuimos, no fundamental, as condições necessárias e suficientes para ter uma boa produção artística e científica e um bom trabalho político entre os intelectuais (dois aspectos interdependentes mas não idênticos). Tanto nossa linha política geral se presta ao conhecimento de nossa realidade e ao aprofundamento de nossos conhecimentos teóricos, como existe a compreensão da importância dêsse trabalho. Os restos de preconceito contra os intelectuais se limitam, a meu ver, a reflexos da luta interna dentro do movimento comunista, na medida em que os intelectuais, em sua maioria, se encontram de um dos lados no entrechoque das duas grandes tendências entre nós (para simplificar digamos: na luta entre o "velho" e o "nôvo"). É mais ou menos o que acontece com o preconceito de côr no Brasil — mais uma questão de classe do que propriamente de raça.

Acho importante salientar êste aspecto porque a atitude contrária não deixa de conter um certo pessimismo e falta de perspectiva do desenvolvimento histórico no que diz respeito a esta questão, além de dar lugar a um conformismo bastante comodista. Como intelectual marxista, não posso esperar que a direção do Partido resolva por mim os problemas concretos e práticos colocados pela minha atividade. Pelo contrário, tenho de partir do ponto de vista de que é a mim que cabe ajudar a direção a resolver êstes problemas não só no que me diz respeito como em geral. Acho mesmo que as diversas críticas feitas depois de 1956 pelos intelectuais marxistas brasileiros à política do período stalinista quase sempre, senão sempre, se fizeram acompanhar de uma certa dose de lamúrias e exageros. É assim que, por exemplo, Jorge Miglioli endossa a tese apenas superficial e unilateralmente válida de que a "culpa é do Partido" e afirma que até hoje não produzimos nada de importante no que diz respeito aos problemas decisivos da economia (e em geral da sociedade brasileira). Com isso, são jogados janela a fora os trabalhos valiosos de Caio Prado Júnior, Aristótelea Moura, Moacir Paixão, Alberto Passos Guimarães e tantos outros. É evidente que nossa produção neste como em outros setores ainda não é suficiente, mas isto é uma decorrência mesmo das condições da sociedade em que vivemos. Não nos esqueçamos de que a época em que todos os nossos trabalhos tinham que ser "um documento científico acabado do marxismo criador" já passou.

O caminho que temos para percorrer até completarmos o "marxismo brasileiro" ainda é longo. Êle exige de todos nós, jornalistas, matemáticos, escritores, cineastas, físicos, economistas, poetas, muita pesquisa, muito debate, muita crítica e autocrítica. O fundamental, entretanto, é que já possuimos a base política geral, a "mão-de-obra" e os órgãos partidários e de divulgação *marxista* para que nos desenvolvamos rápida e satisfatòriamente. O resto virá com a prática mesma. O que não podemos é esperar que os substantivos coletivos metafísicos "Partido" ou "intelectualidade comunista" resolvam os problemas por nós, substantivos concretos.

Outro reflexo da doença de crescimento no artigo de Miglioli é o seu "conselho", bem criticado por Ariovaldo Mattos. Miglioli diz que muitos intelectuais não-marxistas fazem mais pelo país e pelo marxismo do que nós. Pode ser, mas êste é o papel *dêles* e não o *nosso*. Mais ainda, queiram ou não, saibam ou não, o que êsses intelectuais fazem é, na realidade, confirmar, desenvolver ou aplicar às nossas condições teses que os comunistas introduziram entre nós e que pertencem ao corpo do pensamento marxista (que, evidentemente, não tem nacionalidade no que possui de geral). Aos intelectuais marxistas cabe exatamente popularizar, desenvolver e aplicar o pensamento marxista entre nós, especialmente numa época em que o marxismo se tornou sem qualquer dúvida na teoria mais admirada, negada e "melhorada" na luta entre as idéias, isto é, no centro dinâmico da evolução do pensamento humano. Nestas condições, o "conselho" de Miglioli revela timidez e subestimação de nossas possibilidades, se encaramos sua afirmação como "receita" para a atividade dos intelectuais marxistas.

O que o "conselho" encerra de crítica a atitudes ultrapassadas é, por outro lado, inteiramente justo. Mesmo porque, como diz a conhecida observação, onde falta um pensamento coloca-se ràpidamente uma palavra altissonante e fica o problema "resolvido". A repetição de frases dos clássicos (verdadeiros ou falsos) ou a afirmação patética da própria filiação ideológica substituía na realidade, a falta de conhecimento.

Ainda a êste respeito, considero tímida a afirmação de Leandro Konder, segundo a qual é "conveniente o domínio do material ideológico" dos intelectuais não-marxistas. A meu ver isto não é apenas conveniente, é imprescindível. Por um lado, se não conhecemos *a fundo* a base ideológica de nossos adversários (ou "parceiros", em certos casos) teremos que nos limitar ou a ignorá-los ou a xingá-los, o que é a mesma falta, apenas com agravante. Por outro lado, o marxismo, em tôdas as suas manifestações, é a ciência da vida mesma, é o resultado das condições materiais e do desenvolvimento subjetivo da sociedade. Um "marxismo brasileiro" terá forçosamente que ser a fusão de três momentos: 1) o reflexo subjetivo das condições materiais da sociedade brasileira, 2) a tradição do pensamento humano especialmente do marxismo-leninismo como forma superior e resultado dêsse desenvolvimento histórico do pensamento humano até nossos dias, e 3) patrimônio cultural e o entrechoque de idéias em nosso país. E é exatamente isto o "marxismo brasileiro" que já temos — com tôdas as suas qualidades e todos os seus defeitos e insuficiências.

Neste ponto, gostaria de aventurar algumas observações a respeito do caráter e desenvolvimento da intelectualidade brasileira, questão que me parece de enorme importância e ainda insuficientemente examinada, inclusive durante a presente discussão. A intelectualidade brasileira, como a pequena burguesia em geral, formou-se historicamente à sombra da classe dos grandes proprietários de terra e, posteriormente, dos grandes comerciantes. Embora dependesse econômicamente da oligarquia da terra, o fato é que a intelectualidade, como a pequena burguesia em geral, se emancipou politicamente desta tutela e constituiu quase sempre um fator progressista e combativo em nossa história. Isto aliás teria que ocorrer necessàriamente à medida que, por um lado, correspondia as contradições entre os interêsses materiais de ambas as camadas (a pequena burguesia aspirando à independência e à melhoria de suas condições de vida, a oligarquia obstinada em conservar a estrutura econômica e social atrasada do país), e, por outro lado, constitui um reflexo do fato de que, de uma forma ou de outra, nossa intelectualidade sempre se manteve mais ou menos em dia com a evolução do pensamento mundial, não podendo deixar de ver o atraso econômico, social e cultural da sociedade em que vivia. Importante também é o fato de que essa tendência só fêz se reforçar com o desenvolvimento histórico do país. A pequena burguesia (técnica, militar, artística ou mesmo "empreguista") procurou sempre, mesmo que inconsciente e desorganizadamente, influir de forma positiva no desenvolvimento econômico e político do país e seu papel foi sempre dos mais salientes, mesmo na história contemporânea. Também aqui não podemos nem devemos ser tímidos em relação às possibilidades existentes para ganhar esta camada importante de nossa sociedade para as posições do marxismo e, em geral, para a luta da frente única.

Finalmente, gostaria de fazer um convite aos companheiros com mais experiência e mais tarimba. No momento em que escrevo, fim de maio, já foram publicados dois artigos da "novíssima" geração e um da nova. É compreensível que aquêles companheiros, em vista mesmo da responsabilidade maior que têm, pensem mais antes de escrever. Acho, entretanto, que todos nós teremos muito a ganhar com a contribuição dêles para êste debate, o que espero não tardará a acontecer.

ERRATA

Na seção publicada na edição n.º 174, de título "O Partido Comunista, sua teoria social e sua ação política", nas linhas 19 e 20, leia-se "que o proletariado se afirma como fôrça social independente", em vez de inoperante, como foi publicado. Nas linhas, 30 e 31, leia-se Canuto Lyon, em vez de Canuto de Lyon, e nas linhas 31 e 32 leia-se Silésia em vez de Sibéria.

Os Comunistas Dos Estados Unidos e o Govêrno Kennedy (Conclusão)

Gus Hall
Secretário-Geral do PCA

É um fato auspicioso que muitas das ilusões acêrca de Kennedy observadas entre os trabalhadores, os negros e outros círculos populares estejam agora se desfazendo por fôrça da experiência. Basta-me mencionar a profunda cisão, após o fiasco cubano, verificada entre os liberais que apoiavam Kennedy, a crítica aguda dos trabalhadores, após ter êle mandado aplicar a Lei Taft-Hartley, o desdém com que muitos líderes e militantes negros receberam a proposição de "congelamento" a respeito, de fazer executar os direitos dos negros americanos, o vigor com que o movimento da juventude rechaça a investida antidemocrática.

Além disso, existe uma crescente insistência no seio da classe operária e entre outras fôrças populares no sentido de medidas mais adequadas e de longo alcance a fim de fazer face ao grave problema do desemprêgo ascendente, que se tornou um fato permanente, afetando as vidas de milhões. As insignificantes medidas tomadas pelo govêrno deixam pràticamente sem solução os inúmeros e crescentes problemas sociais decorrentes da automatização, o empobrecimento de regiões inteiras, o despejo permanente da produção de milhões de trabalhadores rurais, as antigas e novas zonas de tugúrios, o sofrimento inominável das massas de negros, pôrto-riquenhos e outros americanos desprivilegiados, a crise do sistema educacional e as condições caóticas das áreas metropolitanas. Ainda há muito que fazer até mesmo para uma simples aproximação de uma solução de problemas como o da velhice, da saúde pública e da juventude. Os crescentes movimentos de massas no país são uma prova da determinação do povo no sentido de soluções positivas.

Seria de desejar que tôdas as fôrças liberais e progressistas na área de Kennedy, que devem participar à sua maneira na mudança dêsse estado de coisas, também tivessem consciência dêsse duplo papel desempenhado por Kennedy. Êsses elementos podem tornar-se fôrças positivas eficientes se compreenderem a necessidade de combater os aspectos antidemocráticos e de guerra fria do govêrno de Kennedy, a fim de defender a democracia e barrar o caminho à extrema direita, e pondo côbro à ameaça que daí provém.

RESOLUÇÃO DA AFL—CIO FAVORÁVEL À GUERRA FRIA

É preciso que tenhamos a consciência de que, quando um grande número de pessoas torna-se desiludido ou aterrado, sempre existe o perigo de ser envolvido pela demagogia da extrema direita, especialmente quando seus líderes tornam-se instrumentos ou aliados do monopólio. Por exemplo, a recente declaração do Conselho Executivo da AFL-CIO elaborada por anticomunistas profissionais, apóia o incitamento belicista mais agressivo acêrca da chamada crise de Berlim, e até mesmo conclita ao reinício das provas nucleares.

Tal posição só pode ter os efeitos mais prejudiciais sôbre as lutas dos próprios sindicatos em prol de reivindicações econômicas e sociais, ajuda os empregadores a enfraquecer os sindicatos, e abre caminho para a demagogia de tipo ultradireitista dentro do próprio movimento trabalhista. Tenho certeza de que a resolução do Conselho não representa a opinião da maioria dos sindicatos, nem mesmo a de todos os dirigentes e militantes sindicais no Conselho Executivo. Já é tempo de os líderes trabalhistas, cujas opiniões mais se aproximam dos sentimentos dos militantes, pronunciarem-se claramente contra a política de guerra e a posição reacionária imposta por um reduzido grupo de cúpula.

O INIMIGO PRINCIPAL

Para resumir, parece-me que algo nesse sentido é a maneira de enfrentar o problema tático fundamental, representado por uma ameaça da extrema direita e por um govêrno que toma um rumo reacionário.

Seria grave êrro subestimar o perigo que representa o govêrno Kennedy para a paz e a democracia. Seria um êrro não menos grave subestimar as possibilidades de exercer pressão sôbre êle em outro sentido. É essencial combater as medidas imperialistas, belicistas e reacionárias, quer partam do govêrno Kennedy quer partam da extrema direita.

Contudo, a situação exige que os ataques se dirijam principalmente contra as fôrças traficantes da guerra e fascistas, que estão pressionando o govêrno cada vez mais para a direita. Ao mesmo tempo, tôda política ou atitude de Kennedy que favoreça os planos da direita deve receber cerrada oposição e crítica, reforçando-se as pressões sôbre o govêrno no sentido de uma mudança de política voltada para a coexistência pacífica e a defesa da democracia.

É preciso que se realize uma ampla frente única de tôdas as fôrças operárias, de côr, pacifistas e progressistas do país, incluindo elementos democráticos de tôdas as tendências políticas numa luta contra a reação da alta finança e o perigo de guerra. É fundamental que se organize uma contra-ofensiva contra os ataques desfechados pela alta finança contra o povo, em prol da melhoria das condições de vida às custas dos monopólios, por empréstimos para todos, por direitos iguais para os negros, e acima de tudo pela preservação da paz e da democracia. Em tudo isso, a classe operária, o movimento trabalhista, deve ser a base.

Como já afirmei, isso não é simples. Mas pode ser feito. Já foi feito antes, nos dias de Roosevelt, em particular por causa do papel desempenhado por um movimento operário que ressurgia. Pode ser feito novamente. Exigirá grande esfôrço, sacrifício e espírito de luta.

Requer, acima de tudo, uma perspectiva comum e uma atividade de frente única desenvolvidas pelas fôrças de esquerda e progressistas, comunistas e não-comunistas em todos os setores. Sem a união dessas fôrças entre o operariado, os negros, o movimento da juventude e os que lutam pela paz e a democracia, os promissores movimentos populares que ora despontam permanecerão desconexos e isolados, prêsa dos constantes ataques da reação.

3. UNIÃO DA ESQUERDA E DOS PROGRESSISTAS

Como se pode alcançar essa união? Em primeiro lugar, naturalmente, é necessário alcançar uma perspectiva de comum acôrdo a respeito do período futuro imediato, concordância quanto à tática e programas. Isso exige discussão entre tôdas as fôrças da esquerda, nas quais as divergências passadas subordinem-se à necessidade de encontrar um terreno comum para enfrentar a investida da reação. Mais ainda a ação comum deve desenvolver-se em tôrno de problemas e posições sôbre que se possa concordar de imediato, ainda que se continuem realizando discussões mais amplas e de maior alcance.

ATITUDES EM RELAÇÃO AO PARTIDO COMUNISTA

Um dos obstáculos em certas áreas da esquerda é certa atitude incisivamente crítica e negativa em relação ao Partido Comunista. Parte dela é de antiga origem social-democrata ou trotskista, mas outra corrente é de safra mais recente. Resulta, de uma forma ou de outra, da intensificada campanha da alta finança contra o comunismo, dos renovados ataques reacionários, e da recente crise no Partido Comunista.

Não há dúvida de que a crise no Partido contribuiu para uma certa desorientação na esquerda. Embora compreendendo que isso não pode ser pôsto de lado sem mais nem menos, ressalta o fato de que a nova investida reacionária desencadeada pelas decisões da Côrte Suprema criou uma situação nova tanto para o Partido quanto para tôda a esquerda.

Por exemplo, como se pode defender agora a posição de que o Partido Comunista não é mais necessário nos Estados Unidos? Aquêles da esquerda que proclamavam isso deveriam pensar agora como é que a maioria reacionária da Côrte Suprema, por motivos e razões próprios, chegou a conclusão semelhante.

Naturalmente, recusamo-nos a aceitar êsse julgamento, parta êle da Alta Côrte ou de qualquer outra fonte. Pelo contrário, tornamos clara nossa inabalável decisão de defender os direitos constitucionais do Partido contra qualquer esfôrço do Departamento de Justiça no sentido de forçar-nos a aquiescer com o registro monstruoso e outras determinações das leis anticomunistas.

Isso é um serviço ou um desserviço para a esquerda e para a causa da paz e da democracia? Não seria um desastroso retrocesso para a esquerda e para tôdas as fôrças do progresso se os que desejavam esmagar-nos ou dissolver-nos conseguissem impor sua vontade? O desencadeamento de um nôvo ataque contra nós não é sinal de que a paz e a democracia se acham em grave perigo?

De fato, foi a posição nitidamente de luta assumida pelo Partido Comunista que possibilitou a primeira vitória na batalha contra a implementação das decisões da Côrte — a suspensão do mandato até a consideração da petição de nova audiência no prazo de execução da Suprema Côrte.

Há uma lição muito importante que isso nos ensina. Não importa qual seja a atitude para com o Partido Comunista, tem-se de reconhecer que a luta por seus direitos de partido político importa na defesa da Carta de Direitos e de todos os direitos democráticos, e interessa a todos, principalmente às fôrças da esquerda, democráticas e pacifistas, e não sòmente aos comunistas. Essa é uma lição antiga, mas que precisa de vez em quando ser recordada.

SIGNIFICADO DO PROBLEMA COMUNISTA

Acho, portanto, que está claro que a esquerda e as fôrças progressistas não se podem permitir que o problema comunista seja motivo de cisão, se se deseja alcançar união e ação comum. A recusa a trabalhar com os comunistas na defesa da paz e da democracia e pelas necessidades do povo é o primeiro passo, e muitas vêzes o último, na divisão das fôrças populares. Representa a cunha introduzida nas fileiras operárias e populares pela reação, como sua mais poderosa arma contra os movimentos populares.

Atitudes anticomunistas no seio das fôrças progressistas e de esquerda só podem resultar em contribuição para os objetivos da reação, pela disseminação do tipo de confusão ideológica que pode tornar as fôrças propulsoras do povo desorientadas e inconseqüentes.

Portanto, se se deseja alcançar a unidade nas fileiras da esquerda, a fim de estimular uma atividade mais ampla — se essa unidade significa algo — deve ser a unidade entre as fôrças comunistas e não-comunistas, com a troca de idéias necessárias a alcançar o mínimo de entendimento. Se existe algo que todos deveriam ter aprendido com a história das últimas décadas é o papel dos comunistas na luta contra as fôrças reacionárias e belicistas.

POLÍTICA ELEITORAL DE FRENTE ÚNICA

Finalmente, permitam-me acentuar o que considero um objetivo central em tôrno do qual estão lutando tôdas as fôrças de esquerda. Se a tática esboçada no item anterior é correta — e acho que é — assume extraordinária importância a necessidade de uma política eleitoral independente das fôrças progressistas e de esquerda em tôrno das quais podem ser mobilizadas fôrças pacifistas e democráticas mais amplas.

A esquerda e os progressistas, inclusive nós, não demos a êsse problema a seriedade que merece. Não nos abstivemos de criticar-nos a êsse respeito, conforme se pode constatar em nosso relatório ao Comitê Nacional, em janeiro dêste ano.

As eleições municipais de Nova Iorque e outras cidades apresentam uma oportunidade que não deve ser perdida, para dar os passos iniciais no sentido de uma frente única eleitoral independente, em tôrno dos problemas fundamentais da paz direitos iguais, reivindicações populares e democracia. No desenvolvimento dessa política e de chapas eleitorais de frente única, devemos também pensar nas eleições de 1962 e 1964, com o objetivo de apresentar significantes alternativas para as fôrças operárias, os negros e outras fôrças populares, em têrmos de suas necessidades e seus interêsses. Essa é uma tarefa de envergadura, e precisa da atenção e energia incontidas, de todos os setores por parte das fôrças progressistas e de esquerda.

AÇÃO ATUAL

Tenho confiança em que as investidas da reação serão repelidas e de que o país voltará ao caminho da paz e da democracia. Os comunistas, por seu lado, estão prontos a se unir com tôdas as outras fôrças progressistas e de esquerda, a fim de estabelecer a perspectiva e a unidade necessárias, se se deseja derrotar a reação e defender a paz.

Os comunistas não têm interêsse pessoal ao reclamar a união das fôrças progressistas e de esquerda. Todos reconhecem que tal união é necessária para derrotar a reação e pôr fim à guerra fria. A própria situação exige ações comuns, frentes únicas e movimentos paralelos mais amplos, tudo a serviço da causa da paz e da democracia.

Parece-me imperativo que as fôrças progressistas e de esquerda não devem perder um momento sequer, começando agora a procurar o campo comum de entendimento, em discussões fraternais visando à política de frente única e aos programas destinados a ação comum e objetivos comuns.

Deve haver uma aproximação dessas fôrças nas fileiras operárias, no movimento pró-direitos dos negros, no movimento da juventude, entre os defensores da paz. Sempre que possível, deve ser feito êsse esfôrço, nas localidades, cidades e comunidades, sem esperar por um desenvolvimento de âmbito nacional, mas contribuindo para êle, construindo o movimento, dando-lhe uma base viva sôbre a qual possa florescer.

Tenho a esperança de que todos os elementos e correntes dos movimentos progressistas e de esquerda desencadearão êsse movimento, de que discussões neste sentido terão lugar em suas publicações e organizações. Estou convencido de que uma vez que tal movimento se inicie, crescerá e se difundirá com uma velocidade e amplitude que surpreenderá todos nós.

As Contradições de Jean-Jacques Rousseau

Leandro Konder

Temos êste ano uma boa ocasião para nos recordarmos mais detidamente de Jean-Jacques Rousseau: o seu famoso *O Contrato Social* está completando quase duzentos anos. E, assim como são raros os livros que são lidos e comentados dois séculos depois de aparecidos (quem lerá e comentará daqui a dois séculos, por exemplo, *A Lua Caiu* do sr. Benedito Valadares?), também são raros os autores de livros publicados há duzentos anos e que, como autores, despertam o interêsse de um vasto público e provocam apaixonadas controvérsias entre os seus leitores.

A posteridade de Jean-Jacques Rousseau está longe de ser unânime. De um lado, êle conta com admiradores entusiastas nos revolucionários Robespierre e Saint Just, nos escritores Tolstoi e Romain Rolland e no mahatma Gândi; de outro lado, conta com a repulsa do jurista português Cabral de Moncada, inspira reações negativas ao filósofo britânico Bertrand Russell e suscita a desaprovação elegante do ex-candidato a vice-presidente do Brasil sr. Milton Campos.

Às vêzes, Rousseau é tido como o mais radical dos individualistas, a expressão mais conseqüente do liberalismo burguês. O crítico francês Emile Faguet, que não morria de amôres pelo liberalismo, chamou *O Contrato Social* de "a Bíblia do despotismo democrático" (*Politique Comparée de Montesquieu, Rousseau et Voltaire*, p. 19). Às vêzes, Rousseau passa por ser o pai do "totalitarismo" moderno e até um precursor do fascismo. Bertrand Russell, por exemplo, acha que Hitler é, no nosso século, "uma conseqüência de Rousseau" (*História da Filosofia Ocidental*, vol. III, p. 232).

Como interpretar essa multiplicidade de interpretações em tôrno da influência exercida por Rousseau? De saída, sem dúvida, em função das contradições existentes na sua personalidade e na sua obra. Rousseau era, como se costuma dizer, um indivíduo "paradoxal". Teorizava sôbre educação, mas, quando sua mulher tinha filhos, providenciava a entrega dos mesmos ao Asilo de Enjeitados. Defendia os seus sentimentos religiosos contra os enciclopedistas irreverentes, porém preconizava a absoluta subordinação da religião à política e da Igreja ao Estado.

Numa mesma obra — precisamente *O Contrato Social* — Rousseau faz afirmações difíceis de serem conciliadas. No livro terceiro, capítulo X, do *Contrato*, escreve: "Um pouco de agitação retempera as almas, e o que faz na verdade progredir a espécie é menos a paz do que a liberdade." E no livro quarto, capítulo VIII: "Tudo aquilo que rompe a unidade social nada vale."

É preciso, entretanto, procurar as raízes dessas contradições, as origens da "ambigüidade" que se manifesta no pensamento de Rousseau. Nenhum sentido científico possuem as explicações que apresentam tal "ambigüidade" como decorrente da natureza especial da psicologia rousseauniana. Isso não explica coisa alguma.

Dizer, como o sr. Milton Campos, que Jean-Jacques Rousseau era "solicitado num sentido pela tendência do coração e atraído noutro rumo pela inclinação da inteligência" (*Digesto Econômico*, n.º 137, de setembro/outubro de 1957) é limitar-se a observar o fenômeno tal como êle se manifesta superficialmente. Ora, conforme escreveu Marx — autor pelo qual a classe social a que pertence o sr. Milton Campos não possui particular ternura — a pesquisa científica "seria supérflua se a essência das coisas coincidisse de modo imediato com a sua aparência" (livro III do *O Capital*).

A ninguém de bom senso ocorreria negar o dualismo da personalidade de Rousseau e a ambivalência da sua obra. Mas a explicação psicologista dêsse dualismo, dessa ambivalência, terá condições para tornar compreensível a receptividade social, a influência histórica dos trabalhos do grande escritor francês? Teria sido por fôrça de um acaso, ou em virtude de desígnios misteriosos da providência divina, que os livros nos quais se exprimiam as contradições existentes no pensamento de Rousseau influíssem tão profundamente no espírito de tantos leitores? Ou teria ocorrido que os leitores de Rousseau houvessem sido atingidos pelos livros porque sentissem nesses livros a presença das contradições por êles próprios vividas — as contradições do seu tempo?

Esta última hipótese nos parece bastante mais razoável. Para compreender as razões da influência exercida pelas obras de Rousseau, segundo cremos, é indispensável compreender as condições históricas concretas nas quais essas obras foram escritas e a linha ideológica a que se filiavam.

Ao tempo de Jean-Jacques Rousseau, a burguesia francesa se achava em franca ascensão. O sistema feudal, baseado na vinculação do servo à gleba e na subordinação pessoal do trabalhador ao dono da terra, estava na fase final da sua derrocada. A constituição capitalista de grandes emprêsas exigia a libertação do servo de tôda dependência pessoal e a sua desvinculação do feudo, a fim de que se tornasse possível o afluxo de mão-de-obra para a indústria. A burguesia reclamava liberdades e franquias. E essas reivindicações é que davam sentido progressista ao chamado *liberalismo burguês*.

O movimento mediante o qual se exprimiu culturalmente tôda a pujança do *liberalismo burguês* foi a *Ilustração*, entre cujos vultos mais ilustres devem ser referidos Voltaire, Diderot, D'Allembert, Lessing, etc. Foram alguns dêstes pensadores da *Ilustração* que levaram a cabo, na França, a realização de uma monumental *Enciclopédia*, na qual procuraram formular bases teóricas sólidas para defender o conteúdo social democrático-burguês da revolução que já se estava processando ali. Por isso foram chamados enciclopedistas.

Rousseau foi um pensador que, por suas hesitações, por seu romantismo, pela sua falta de realismo político, mereceu acerbas críticas da parte dos filósofos da *Ilustração*. Mas a verdade é que, se de um lado os pensadores da *Ilustração* têm razão em preservar a pureza do conteúdo social do movimento revolucionário contra Rousseau, de outro lado, como observa Georg Lukács, êles esquecem o que há de novo e de positivo em Rousseau, esquecem "o fato de que em sua obra começam a se destacar, de maneira dialética, as contradições da revolução burguesa" (*Goethe et son Époque*, ed. Nagel, p. 23).

Com efeito, em Rousseau se exprimem as contradições do próprio movimento revolucionário da burguesia: em Rousseau se manifesta, de modo ainda pouco claro, a contradição existente na expressão *liberalismo burguês*: prenunciam-se condições segundo as quais o conceito de *liberalismo* viria a se tornar radicalmente incompatível com o conceito *burguês*. E é essa a significação histórica do "dualismo" do pensamento rousseauniano, de cuja análise os modernos estudiosos burgueses (por motivos óbvios) querem distância.

Antonioni e a Impossibilidade de Comunicação

Ignácio de Loyola

Desde a «descoberta» de Antonioni, uma certa perplexidade domina teóricos da sétima arte. Curioso que êste pasmo tenha ido além das reuniões geladas dos cineclubes estéreis, ganhando repercussão em todo meio intelectual, onde se gosta, se detesta e se acha mais ou menos o criador de *As Amigas*, *O Grito*, *A Noite*, *A Aventura* e *O Eclipse*. As duas principais indagações a propósito de Antonioni são: êle é válido universalmente, ou apenas para um grupo da sociedade italiana, e é êle um realizador alienado ou crítico severo da alta burguesia peninsular?

Em tôrno de Fellini, Antonioni, Bolognini e outros do moderno cinema itálico, abusa-se de palavras como alienação, alta burguesia, realidade social, crítica. Chegou-se pràticamente a esgotar o sentido de tais palavras nas centenas e centenas de interpretações e estudos sôbre êles; sôbre Antonioni, principalmente. Fala-se numa simbologia fílmica, quando se toca neste diretor de «A Noite». Evoca-se determinada cena, desliga-se da estrutura geral e se lhe confere um significado. Pràticamente, muito poucos puderam de modo objetivo e concreto a propósito do que realmente sentiam diante das estranhas fitas dêste diretor. Esta a primeira sensação curiosa que se sente: não há muitas palavras para se dizer. Sente-se o filme. O [illegible] para nós: *A Noite* é o tipo de fita que faz pensar em nossa própria reação e não no impacto que esta ou aquela cena causará sôbre o espectador ao nosso lado. Em Antonioni há necessidade de se mergulhar de cabeça, totalmente, penetrar-se de suas imagens e palavras.

Cinematogràficamente, *A Noite* é um filme medido, cuidado, limpo, enxuto e, mesmo, sintético. Economiza-se para ser dito apenas o essencial. Quando as palavras já não são suficientes, ou quando, de um modo ou outro, elas são incompetentes para exprimir algo, basta o plano cinematográfico, puro e simples, com a reação natural do personagem. Assim, é o longo passeio de Jeanne Moreau, possuída por alguma coisa vaga e indefinida (angústia ou náusea, depende de como se use uma e outra palavra), ou a cena na buate, quando o marido olha o *show* e ela o observa, rodando o copo com o dedo; e ainda a expressão de Monica Vitti, quando ouvem o gravador, displicentemente largado sôbre a borda da cama, nem preocupada, nem despreocupada com o que está sendo dito. Antonioni não reflete necessàriamente um mundo, mas o desespêro geral. Antonioni é um homem que reflete o universo daqueles que estão um pouco além da idade da razão; todavia, sua percepção alcança mesmo aquêles que longe estão dela e que, no momento (seria o caso das novas gerações), sentem apenas o mêdo de vir a ser como os velhos. Mêdo e desespêro; insatisfação e inquietude, busca de definição do homem, tentativa de comunicação: há quantos temas se queira em *A Noite*. Mas nenhum será tão importante como a impossibilidade de comunicação. Que é total. Cada homem está fechado em si mesmo. Cercado de uma carapaça. Irão possuir os têrmos com que se fará entendido pelo outro. A presença do outro como um objeto palpável, o ódio que existe como a [illegible], tornam-se angustiante. Se Giovanni Sponto (herói principal) não consegue se entender com sua mulher (Jeanne Moreau), esta também não conseguia compreendê-lo, ou ser compreendida por Tommaso. E também não há porta de escape ou válvula de ligação entre Sponto e Valentina; são mundos diferentes, intocáveis. Cada um ficará só consigo mesmo e carregará esta solidão intolerável até o final. Não existe nada mais além da solidão. Mesmo o sexo é motivado por esta procura angustiada e o final, com Mastroianni e Moreau se espojando, amando-se violentamente na madrugada que entra, não representa o encontro, mas sim o afastamento quase definitivo e a certeza de que não adianta.

Resta ainda indagar até que ponto os problemas colocados em *A Noite* são válidos para uma civilização como a brasileira, despida totalmente das condições que criaram a alta burguesia italiana onde se misturam os novos ricos (*self-made-men*) com os remanescentes de uma aristocracia decadente. Há uma aproximação muito grande talvez entre a sociedade milanesa atual que se constitui, de certo modo, caso à parte em tôda a península, dado o desenvolvimento industrial altíssimo da região e a atual conjuntura paulista, por exemplo. Todavia, problemas sociológicos são caso à parte, neste comentário, e a identidade, neste aspecto, não representa necessàriamente que exista o mesmo tipo de problemática para ambas as sociedades.

A Noite é um filme válido para nós no sentido de que Antonioni procura estabelecer uma verdade. Não faz recuos, nem concessões, nessa busca. Seus personagens são vivos e humanos; são de carne e osso. As vêzes como aconteceu em *As Amigas*, quando a heroína retorna ao seu bairro de origem, um miserável cortiço num bairro operário de Turim, sente-se que Antonioni tem consciência de outros problemas atuais, retirando um pouco de si a acusação que lhe fazem determinados grupos extremistas, de alienação da realidade. Porém, mais consciente ainda de sua arte e de suas possibilidades e por que não da própria realidade, o realizador deve ter sentido que não poderia partir em busca dos sentimentos subjetivos de trabalhadores, quando as buscas dêstes são de caráter inteiramente objetivo. E, em *A Noite*, volta-se ao mesmo tema, de forma geral, numa mesma cena que obedece a duas injunções. Primeiro: Giovanni Sponto, jovem escritor, que sente-se fracassado vez ou outra, possuído da incapacidade de determinar exatamente seu rumo ou sentido de sua literatura, recebe a oferta do milionário industrial para trabalhar como diretor dentro de sua organização, percebendo alto salário. Para isso, Sponto devia planificar um departamento de relações públicas, ao mesmo tempo que escreveria a biografia do homem de negócios. E a compra do intelectual, tantas vêzes verificada na sociedade capitalista e, entre nós sentida de forma aguda pelo modo como as agências de publicidade apadrinham e *compram* o trabalho intelectual de nossos escritores, como um dragão voraz e esfaimado. Ou o escritor se rende à evidência e se entrega, ou passará fome. Ao mesmo tempo, Antonioni nos mostra o outro lado, com o pensamento típico do *self-made-men*: "meus operários me hostilizam porque não conhecem minha vida e o quanto lutei para ter e construir tudo isso? Se você colocar tudo em letra de fôrma, êles entenderão, e nossas relações, de empregado e patrão, serão melhores». E, uma vez mais, dentro do raciocínio proposto inicialmente, se desenvolve a temática da incomunicabilidade dos sêres. Porque, no fundo, todos os problemas resultam dessa dificuldade em se estabelecer diálogo, com os homens voltados para si, em solidão contínua e cada vez maior.

Canto de Página

Eneida

Jaques Alexis

Seu nome inteiro é Jacques Stephen Alexis, natural do Haiti, escritor, professor, homem de muitas letras e muito saber. Conheci Alexis na primavera de 59, em Moscou. Alto, magro, sem idade, vale a pena conversar com êle, ouvi-lo falar dos problemas de seu povo e de sua luta. Fizemos logo uma boa camaradagem e lamento hoje não ter perguntado mais sôbre sua vida, sôbre suas vitórias e derrotas. Sei muito pouco de seu viver particular, mas sei muito de seus conhecimentos, escritor — dos raros — que é editado pela Gallimard de Paris, já muito conhecido, pois seus livros são muito traduzidos nos países socialistas.

Leio agora que Alexis, meu companheiro de viagem à URSS e depois à China, está prêso no Haiti, há alguns meses, tem sofrido tôda sorte de maus tratos do govêrno do seu país. E é por isso que dêle falo hoje, achando que os escritores brasileiros devem protestar contra essa prisão e lutar pela liberdade dêsse romancista tão grande na sua luta. Vejo seu livro, o fabuloso romance "Compère général soleil": "Nós os negros, brincamos sempre. Na hora de sofrer rimos e brincamos; na hora de morrer, quer dizer, na hora em que acabamos de sofrer, rimos, cantamos, brincamos". E mais adiante, descrevendo um de seus personagens: "Seu rosto não era bonito nem feito, um verdadeiro rosto do Haiti, um rosto de negro tendo visto muito, sofrido muitíssimo, nem briguento nem ambicioso, nem voluntarioso nem tôlo, nem viciado nem cruel. Um verdadeiro tipo do Haiti mas também um tipo de qualquer lugar, tanto são parecidos os pobres de todo o mundo. Os sem posse se parecem todos, são capazes de grandes atos e de fraquezas, mas são todos, geralmente, marcados por uma grande bondade, pelo amor à tranqüilidade, pelos desejos mais simples."

Alexis no seu romance "Compère, général soleil" história de luta e de amor de haitianos, faz um pequeno retrato de si mesmo, de sua vida, quando um de seus personagens aconselha: "Amar sua terra, amar seu povo. Deitar, dormir, acordar, levantar, sempre como revolucionário, como patriota. Guardar nosso coração tão puro quanto nossas manhãs claras, combater a mentira e as calúnias que jogam contra nós e respondê-las com um imenso amor de homem pela vida."

Jacques Stephen Alexis, combatente comunista, escritor dos melhores, meu companheiro de viagem que êle intitulou "nosso encontro com a luz", aqui fica minha solidariedade e meu protesto pela sua prisão. Viva muito, continue na certeza de que nós, no mundo todo, estamos a seu lado, e fraternalmente.

NOITE ARTÍSTICA NA DESPEDIDA DA DELEGAÇÃO DO BRASIL AO FESTIVAL

Com uma noite artística a realizar-se têrça-feira, dia dez, às vinte horas, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, a delegação brasileira ao VIII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e pela Amizade fará suas despedidas do país. Os brasileiros embarcarão dia 18 para Helsinqui, Finlândia, onde terá lugar a grande festa de confraternização da juventude mundial. Ao espetáculo de despedida da nossa representação deverá acorrer grande público, atraído pelo significado do ato e pela qualidade dos artistas participantes da festividade. Entre outros, estarão na ABI: Maria Helena Ansaldi, primeira bailarina do Teatro Municipal de São Paulo; Canelinha e seu conjunto imperial, passistas e ritmistas da Escola de Samba Império Serrano; Jorge Goulart; Nora Ney; o mímico Ricardo Bandeira e o violinista Ari.

EVTUSHENKO NA INGLATERRA: ARTE, BEATNIKS E COMUNISMO

O mais discutido poeta jovem da União Soviética, Evgueni Evtushenko, visitou a Grã-Bretanha, em maio passado, a convite do Conselho Britânico.

Calmo, modesto e tranqüilo, com um brilho no olhar, Evgueni Evtushenko encarou os jornalistas, sem nervosismo, e colocou nos devidos lugares os que se preparavam para saudá-lo com um jovem soviético transviado e anticomunista.

— Causou-me certa surprêsa, disse Evtushenko, a maneira pela qual algumas de minhas observações à imprensa foram torcidas, acrescentando ainda que, no dia de sua chegada, respondera apenas a uma pergunta.

Perguntaram-lhe, então, se era membro do Partido Comunista, tendo respondido: "não". Entretanto, leu no jornal que respondera assim: "naturalmente que não."

— Não acrescentei nenhum "naturalmente", afirmou com um sorriso sereno.

Embora não seja membro do Partido Comunista, "sou comunista por minhas convicções, e sôbre êste tema escrevi um de meus melhores poemas, chamado "Considerai-me um comunista".

Essas palavras foram escritas por soldados soviéticos no campo de batalha, durante a guerra, soldados que "não precisavam de palavras altissonantes, mas em cujos corpos encontram-se mais tarde farrapos de papel com as palavras "considerai-me um comunista".

Evtushenko afirmou que um homem de verdade sempre está contra o que é ruim em seu próprio país e a favor do que é bom.

Indagaram-lhe se, quando escreveu que sem fé não existe amor nem felicidade, êle estava referindo-se à fé política ou à religiosa.

— A fé suprema é a fé e a crença no homem. Causou-me profunda impressão o artigo de C. P. Snow, recentemente publicado em nossa imprensa, intitulado "Magnanimidade".

O jovem poeta soviético foi indagado a respeito de sua atitude em relação a Boris Pasternak e à não-publicação na União Soviética do seu romance **Doutor Jivago**.

— Em minha opinião, Pasternak era um grande poeta, respondeu Evtushenko. Mas quando êle me deu seu romance para ler, disse-lhe que o mesmo era um fracasso artístico, mesmo sem levar em consideração os motivos políticos.

— Talvez os leitores inglêses não compreendam, mas existe um incomensurável hiato entre Pasternak como poeta e Pasternak como romancista.

Evtushenko, de bom humor, desaprovou a maneira por que fôra representado no Ocidente, como uma espécie de beatnik soviético, tendo esclarecido: "Os beatniks sentem o que não querem, porém, não sabem o que realmente querem."

Concordou, porém, que existia um certo vínculo entre êle e os jovens irados inglêses (angry young men) no que respeita ao seu "desprêzo pela hipocrisia, e o que é falso, pelas frases pomposas."

GAÚCHO CONTA O QUE VIU NO MUNDO SOCIALISTA

RIO GRANDE, julho (Do correspondente) — O vereador pelotense Edgard José Curvelo pronunciou importante conferência no auditório da União Operária, transmitindo impressões de sua recente viagem a países socialistas.

Fêz a apresentação do conferencista o dr. Carlos Aveline, vereador dêste município, que ressaltou a destacada atuação do orador no movimento operário gaúcho e a sua condição atual de candidato à deputação estadual.

Edgard José Curvelo, freqüentemente interrompido com os aplausos da grande assistência, fêz apreciações sôbre a União Soviética, China Popular e Tchecoslováquia, países que havia percorrido, pondo em relêvo o avanço social, econômico e científico do mundo socialista. A conferência, seguiu-se um animado debate, tendo o orador respondido a dezenas de perguntas que lhe foram formuladas.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

MEU IRMÃO ERA AVIADOR

MEU IRMÃO ERA AVIADOR
UM DIA ÊLE RECEBEU ORDEM DE PARTIR
ARRUMOU SUA BAGAGEM
E A VIAGEM LEVOU-O PARA O SUL.
MEU IRMÃO É UM CONQUISTADOR
NOSSO POVO CARECE DE ESPAÇO VITAL
E CONQUISTAR TERRAS É
ENTRE NÓS UM VELHO SONHO.

O ESPAÇO QUE MEU IRMÃO CONQUISTOU
FICA NA GUANABARA — LUGAR COMO TANTOS OUTROS
NO MUNDO.
TEM UM METRO E OITENTA DE COMPRIDO
POR UM METRO E CINQUENTA DE PROFUNDO

QUANDO CHEGAR A HORA

QUANDO CHEGAR A HORA DE MARCHAR
MUITOS NÃO SABERÃO
QUE O INIMIGO É O QUE VAI A FRENTE
E A VOZ QUE OS COMANDA
É A DO INIMIGO
E AQUÊLE QUE FALA SÔBRE O INIMIGO
É O PRÓPRIO.

LER O JORNAL PREPARANDO O CHÁ

DE MANHAZINHA, LEIO NOS JORNAIS
OS PLANOS EFÊMEROS
DO PAPA E DOS REIS, DOS BANQUEIROS E
DOS BARÕES DO AZEITE.

COM O CANTO DO ÔLHO, OBSERVO
A PANELA D'ÁGUA DO CHÁ:
COMO A ÁGUA SE AGITA
COMEÇA A BORBULHAR
TORNA-SE CLARA
E, TRANSBORDANDO POR CIMA DA PANELA,
APAGA O FOGO.

(Êstes três poemas são de autoria do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht, de quem NOVOS RUMOS já tem publicado outros pequenos trabalhos. São traduzidos da versão francesa.)

A partir de 1º de julho de 1962 será publicado o semanário

NOVEDADES DE MOSCU

Em espanhol, com 16 páginas profusamente ilustradas conterá:

- ☆ Artigos e comentários de jornalistas, homens de ciência, escritores e personalidades públicas da URSS e do estrangeiro
- ☆ Reportagens, crônicas e relatos
- ☆ Esporte, xadrez e filatelia
- ☆ Curso completo de russo

Os assinantes de NOVEDADES DE MOSCU receberão como suplementos gratuitos os documentos mais importantes do govêrno soviético, discursos e manifestações de dirigentes da URSS, informações oficiais sôbre a economia, a ciência e a cultura.

NOVEDADES DE MOSCU promoverá concursos entre os seus leitores, distribuindo valiosos prêmios aos vencedores (1º prêmio: uma viagem a Moscou).

Êste semanário é enviado diretamente de Moscou para o assinante por via aérea.

FAÇA DESDE JÁ A SUA ASSINATURA — PREÇO CR$ 450,00

PEDIDOS:

No Rio de Janeiro: EDITORIAL VITÓRIA LTDA.
Rua Juan Pablo Duarte, 50 — sobrado
Caixa Postal 165 — Telefone: 22-1613

Em São Paulo: AGÊNCIA INTERCÂMBIO CULTURAL JURANDIR GUIMARÃES
Rua 15 de Novembro, 228 — 2º and. — s/209

URSS FINANCIA EMPRÊSA COM 43 MILHÕES DE DÓLARES:

EUA Querem Impedir Exploração do Xisto Betuminoso no Brasil

Com um financiamento de 43 milhões de dólares da União Soviética, está prestes a instalar-se em Pindamonhangaba, São Paulo, uma Usina de Xisto Betuminoso para produção de gás. A transação será altamente vantajosa para o Brasil, porquanto o financiamento terá um prazo de trinta anos para ser pago com juros de apenas dois e meio por cento ao ano. E mais: o pagamento só será iniciado quando a usina começar a dar lucro.

Grande parte da concretização do importante empreendimento se deve, sem dúvida, ao denodo e ao espírito nacionalista do industrial Archimedes Pucci, diretor presidente da Cia. Ind. de Rochas Betuminosas, que há dez anos vem enfrentando tôda sorte de obstáculos e pressões de grupos econômicos antinacionais que se opõem à construção da usina.

Peregrinando por vários países em busca de financiamento, o sr. Archimedes Pucci conseguiu despertar o interêsse de dois grupos capitalistas, franceses e norte-americanos. Mas o industrial foi obrigado a desistir da "ajuda" dos dois grupos, pois ambos imunham como condição a posse de 51% das ações da companhia. Tocando em miúdos, queriam apoderar-se do negócio.

Para ganhar dinheiro, simplesmente, a idéia servia. Mas não servia para os objetivos do sr. Pucci, que desejava aumentar o parque industrial brasileiro.

AJUDA DA URSS

Assim que foram reatadas as relações do Brasil com a URSS, o industrial conseguiu que um técnico soviético viesse examinar o valor do xisto betuminoso da mina localizada em Pindamonhangaba, cujo veio se estende, segundo estudos geológicos, até ao Paraguai.

Enviadas 200 toneladas do minério para exame no Instituto do Xisto Betuminoso de Moscou, foi comprovado seu alto valor e o contrato para a construção da usina foi firmado.

Atualmente, todo o maquinário já se encontra pronto na União Soviética esperando apenas o aval do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) para vir para o Brasil.

Uma das razões para a demora, ao que parece, é que os norte-americanos, que antes não mostravam o menor interêsse pelo problema, destinaram agora 7 milhões de dólares da Aliança para o Progresso a fim de ser "estudado" o xisto betuminoso da Usina Irati, no Paraná, com o evidente propósito de tomar tempo e entravar as negociações com a URSS.

VANTAGENS

Em vista de não haver permissão da Petrobrás para fabricação de petróleo, a finalidade da emprêsa presidida pelo sr. Archimedes Pucci é a obtenção através do xisto betuminoso, do gás para fins domésticos e industriais, além de numerosos subprodutos, tais como tijolos refratários, alcatrão de pixe, fertilizantes, inseticidas em geral, matérias plásticas, produtos químico-farmacêuticos, benzol para o fabrico de todos os corantes, etc.

A economia de divisas é uma das mais relevantes vantagens da usina, pois deixaremos de importar grande quantidade de hulha dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá. Todo o carvão empregado na produção do gás consumido em São Paulo, Santos e Guanabara poderá ser dispensado, de vez que a usina, ultra-automática, produzirá 1 milhão de metros cúbicos diários.

E o gás será fornecido a Cr$ 6,30 o metro cúbico, o que representa gigantesca economia para o consumidor, que é paga atualmente a Cr$ 22,00 em Santos, e a Cr$ 18,30 na Guanabara e em São Paulo. Por outro lado, haverá um barateamento em mais de 75% no preço dos tijolos leves, cuja produção diária será de 7 milhões.

A emprêsa, que empregará de 600/800 operários, dará inestimável contribuição à nascente indústria do Vale do Paraíba. Isso sem falar nas numerosas outras usinas que serão instaladas posteriormente, quando a prática mostrar a importância da exploração do xisto betuminoso como fator da independência econômica do Brasil.

APOIO SINDICAL

Através do sr. Leopoldo Brisarc, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Gás de São Paulo, a emprêsa convidou as entidades sindicais paulistas para um churrasco dia 23 de junho, a fim de que tomassem conhecimento da importância do empreendimento.

Três ônibus levaram ao local mais de 100 dirigentes sindicais, que visitaram interior da mina e ouviram explicações fornecidas pelo presidente do sindicato dos gasistas, pelo ex-deputado Wilson Rahal e pelo presidente da emprêsa.

O sr. Pucci deu ênfase à questão do aval do BNDE, que não sai, inexplicàvelmente, apesar da boa-vontade do próprio presidente da República, com quem já estêve.

Atendendo ao apêlo, os dirigentes sindicais comprometeram-se a tudo fazer no sentido de não permitir que "fôrças ocultas" impeçam a realização do empreendimento. E imediatamente começaram a agir, pois a delegação de trabalhadores de São Paulo que embarcou para Brasília dia 24 de junho levou, entre outras, a incumbência de tratar do assunto.

TRABALHADORES AJUDAM

Os dirigentes sindicais de São Paulo ficaram impressionados com a importância da exploração do xisto betuminoso e decidiram ajudar na luta pela instalação da usina em Pindamonhangaba. Na foto vemos os trabalhadores ouvindo as explicações do ex-deputado Wilson Rahal, que aparece de costas em primeiro plano.

Alimentação: Tenório Explica Ações da Federação em Favor Dos Operários

Ao completar um ano de gestão, a atual diretoria da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado de São Paulo apresenta um saldo positivo de lutas. Sob a presidência do sr. Tenório de Lima, que assumiu a direção da entidade numa época das mais difíceis, ou seja às vésperas da crise político-militar que abalou o país, com a renúncia do sr. Jânio Quadros, a Federação tomou novo impulso, dando aos trabalhadores uma série de novas conquistas quer no terreno salarial, organizativo ou político.

A respeito dessas questões, ouvimos o sr. Tenório de Lima, que nos historiou os movimentos da entidade durante seu atual mandato.

— "Inicialmente, é preciso lembrar quando assumi a direção desta Federação, encontrei-a completamente desorganizada, com os seus diretores nada fazendo em defesa dos trabalhadores. Porém, mal iniciei o trabalho de reerguimento de que necessitava veio a crise política e nossa entidade sofreu então intervenção ministerial. Conseqüentemente, os trabalhadores do setor foram mobilizados, para lutar contra a ameaça de golpe militar e sustar a intervenção do Ministério do Trabalho.

Normalizada a situação do país, iniciamos o trabalho de organização e os movimentos reivindicatórios da categoria, cujos resultados estão sintetizados no balanço de um ano de nossas lutas."

LUTAS SALARIAIS

"A primeira coisa de que tratamos — continua o sr. Tenório — foi organizar o departamento jurídico da entidade, que antes praticamente não existia. Posteriormente, levamos avante uma série de lutas salariais, nas quais o departamento jurídico desempenhou importante papel. As reclamações dos trabalhadores da categoria, principalmente do interior, passaram a ser atendidas prontamente. Estendemos nossa assistência jurídica aos trabalhadores sindicalizados ou não. Os quarenta sindicatos do interior, filiados a esta Federação, passaram a contar com tôda nossa ajuda. Firmamos, em conseqüência de um trabalho persistente junto aos trabalhadores do interior, o nosso primeiro acôrdo com o sindicato patronal, que veio beneficiar os trabalhadores das noventa e cinco usinas açucareiras do Estado, com um aumento salarial de 20%, que passou a vigor a partir do mês de maio, e mais 10% a partir de setembro, de 1961. Com isto, todos os trabalhadores do Interior passaram a perceber o mínimo de Cr$ 15 716,00, a partir de abril do corrente ano."

TRABALHADORES DO CAMPO

— "A Federação, contudo, não ficou só nas lutas salariais. Os trabalhadores das culturas de cana, até o empossamento da nova diretoria, não gozavam dos direitos da previdência social. Eram tratados como trabalhadores agrícolas. Procuramos então, lutar por sua vinculação ao IAPI, mantendo várias gestões junto ao presidente da República, Ministro do Trabalho e Departamento Nacional da Previdência Social. Ao mesmo tempo, realizamos com êstes trabalhadores inúmeras assembléias e outros movimentos de rua no Interior do Estado.

Foi uma batalha dura, mas hoje os trabalhadores dos canaviais têm seus direitos equiparados aos dos trabalhadores da cidade."

ORGANIZAÇÃO

"Nossas atividades foram estendidas para a terreno organizativo. A grande maioria dos trabalhadores do Interior estava desorganizada, não contava com um órgão local para defende-los. Nossa diretoria se mobilizou e, depois de inúmeras reuniões com trabalhadores, logramos fundar 8 sindicatos e 6 associações. Estas organizações, hoje, estão funcionando com êxito, desempenhando importante papel nas lutas dos trabalhadores do Interior."

LUTAS DO MOMENTO

"Este ano realizamos um dos maiores movimentos por conquista salarial. O contrato salarial dos trabalhadores das usinas de açúcar findou em 30 de abril passado. Imediatamente, iniciamos a campanha para nôvo reajuste e por conquista de outras reivindicações. Inúmeras assembléias, com operários de usinas, foram então realizadas no Interior do Estado. Os patrões estavam intransigentes. Não concordavam com o aumento pleiteado e nem em satisfazer outras exigências dos trabalhadores, tais como a extinção do famigerado desconto habitacional, que reduzia o salário do trabalhador em 33%."

Mas, os trabalhadores, sob a orientação de sua Federação, mostraram o que eram capazes de fazer em defesa dos seus direitos. Assim, a categoria se preparou para iniciar uma greve geral, ameaçando paralisar o corte e moagem de cana. Em várias localidades, eclodiram movimentos paredistas, concretizando aquela ameaça. A unidade e disposição de luta dos trabalhadores levaram-nos a conquistar, finalmente, a vitória. Aquêle desumano desconto dos salários para o aluguel de casa foi extinto e a Federação, juntamente com o esfôrço dos sindicatos locais, conquistou um reajuste da ordem de 45% para todos os trabalhadores. Esta foi uma das maiores conquistas da Federação que, neste curto espaço de tempo, reorganizou a categoria, dando um alento nôvo aos trabalhadores, que agora confiam em suas fôrças e sabem avaliar o poder que possuem quando estão unidos e organizados.

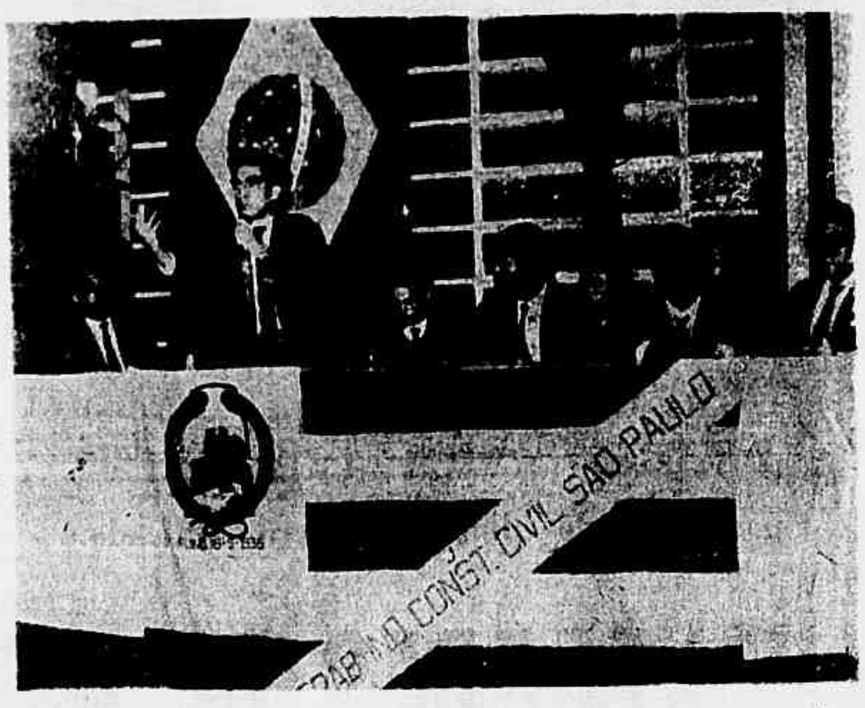
"Por fim — frizou o sr. Tenório — quero lembrar que a nossa categoria está atenta à situação política do país. Participamos das movimentações em favor da composição de um govêrno nacionalista e estamos prontos a usar de nossa fôrça a fim de influir na modificação do govêrno em benefício dos trabalhadores e do povo."

LÍDERES SINDICAIS REPUDIAM PORTARIA FASCISTA DO DOPS

Reunidos domingo último na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, mais de uma centena de líderes sindicais paulistas manifestaram sua unânime repulsa aos deputados da Assembléia Legislativa do Estado que, encabeçados pela profissional do anticomunismo Conceição da Costa Neves, assinaram um telegrama de aplausos ao delegado titular do Dops, Ítalo Ferrigno, idealizador da portaria-rôlha destinada a interditar manifestações de rua na Capital. Conforme noticiou NOVOS RUMOS em sua edição anterior, aquêle delegado sugerira ao secretário da Segurança que proibisse tôda e qualquer manifestação popular de rua. Face à imediata reação dos meios intelectuais, estudantis e operários, o secretário Virgílio Lopes da Silva julgou oportuno atenuar o impacto causado pela iniciativa de cunho fascista de seu servidor, convocando a imprensa para afirmar que não cogitava aplicar ao pé da letra o esquema sonhado pelo delegado Ferrigno. Confirmou contudo que seus serviços estão elaborando uma portaria "regulamentando" as manifestações públicas de caráter político, ficando claro que a liberdade de manifestação corre ainda sério perigo em São Paulo.

AINDA CONCEIÇÃO

Também na semana que passou, a deputada Conceição Neves, em espalhafatosa encenação na tribuna da Assembléia, solicitou do presidente Abreu Sodré que lhe fôssem asseguradas garantias de vida, alegando "estar ameaçada de seqüestro pelos comunistas". Apesar dos protestos de vários deputados, que negaram qualquer fundamento à provocação da deputada, o presidente da Assembléia acedeu ao pedido da deputada, cuja residência passou a ser protegida por policiais do Dops.



ASSEMBLÉIA

Os trabalhadores da construção civil, com sua diretoria à frente, comemoraram recentemente, com grandes festejos, o aniversário de fundação da entidade. Na foto, aspecto da assembléia que festejou o ato, vendo-se, entre outros Lázaro Paulino Maia (falando), o presidente da entidade, José Xavier dos Santos e o dirigente sindical Geraldo Rodrigues dos Santos.

ELEIÇÃO NA CONSTRUÇÃO CIVIL: LUTA PELO «QUORUM» PROVOCA MOBILIZAÇÃO GERAL

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil de São Paulo, realizará eleições para a renovação da diretoria, Conselho Fiscal e Conselho da Federação, do dia 11 até o dia 19 do corrente. Em conseqüência da profunda unidade existente no setor, apenas uma chapa concorrerá ao pleito. E como os diretores atuais vêm correspondendo aos anseios de luta dos trabalhadores da categoria, todos continuarão na direção da entidade.

LUTA PELO «QUORUM»

Um dos problemas mais difíceis enfrentados por ocasião das eleições, é o que diz respeito ao "quorum". Isso em virtude de ser difícil localizar grande número de associados que, em vista da desenfreada exploração patronal no setor da construção civil, constantemente estão mudando de firma. Os patrões, a fim de não pagar férias nem outros direitos aos operários, raramente permitem que completem 12 meses de casa.

Por essa razão, além de outras mais, é que todos os ativistas do Sindicato não vêm tendo o menor descanso, com objetivo de que seja alcançado o número de votos suficiente, evitando, dessa forma, que a entidade precise gastar dinheiro com novas eleições, verba essa que deixaria de ser empregada em proveito dos numerosos problemas que necessitam ser enfrentados.

PROGRAMA DA CHAPA DE UNIDADE

Eis o Programa que a «CHAPA DE UNIDADE» se compromete a defender: 1º) — Pela unidade e organização dos trabalhadores do setor, para o reforçamento da classe operária; 2º) — Pela revisão do salário mínimo anualmente, pela conquista do salário mínimo profissional e pelo salário-família; 3º) — Pelo aumento geral de salários, contra a fome e a sonegação dos gêneros de primeira necessidade, para a manutenção dos trabalhadores e suas famílias; 4º) — Pela ampliação das liberdades democráticas e sindicais e pelo direito de greve; 5º) — Tôda solidariedade aos nossos irmãos camponeses na luta pela aprovação e execução de uma reforma agrária que entregue a terra àqueles que nela efetivamente trabalham; 6º) — Continuar a luta pela efetiva fiscalização das leis de Higiene e Segurança nos locais de trabalho; 7º) — Continuação da luta pelo registro nas carteiras profissionais e por uma Campanha de Sindicalização em massa, a fim de reforçar o sindicato; 8º) — Pela continuação da luta em defesa dos interêsses nacionais, contra os trustes estrangeiros, pela desapropriação dos monopólios de energia elétrica e dos frigoríficos e pela aprovação e execução da lei que regulamenta a remessa de lucros para o exterior; 9º) — Pela aprovação e execução de uma lei que garanta o livre funcionamento dos Delegados nas emprêsas, conforme resolução aprovada no 3º Congresso Sindical Nacional; 10º) — Pela ampliação de recreações aos associados e suas famílias, através de festas, teatro e outros divertimentos; 11º) — Pela luta em conjunto com outras entidades, visando acabar com a data base nos acôrdos salariais e, 12º) — Pela criação de novas sub-sedes, principalmente nos bairros de maior concentração operária.

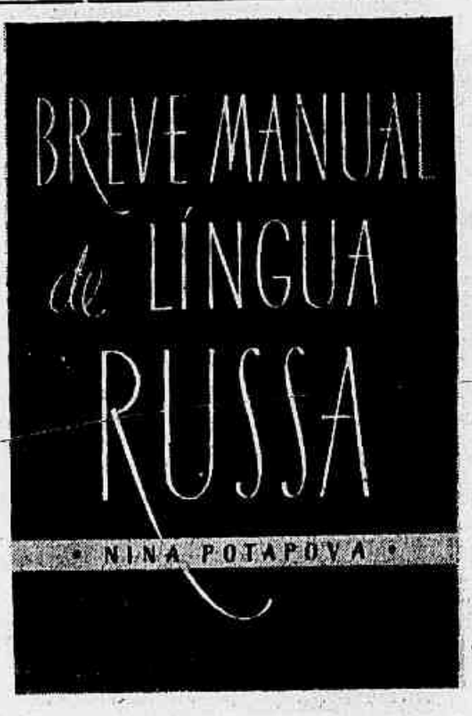
COMPONENTES DA CHAPA

A relação dos operários que são membros efetivos da chapa que concorrerá às eleições, é a que se segue: José Xavier dos Santos, João Louzada, Sinfrônio de Souza Nunes, José Cupertino de Novais e Armando Remedi, para a diretoria; Saturnino Ramos da Silva, Cezar Tibúrcio da Silva e José Alves Borges, para o conselho fiscal; e João Louzada, Geraldo José Gonçalves e José Ribeiro da Silva, para o conselho da federação.

PAULISTANO PAGARÁ TRANSPORTE MAIS CARO NOS PRÓXIMOS DIAS

Pagará o paulistano nos próximos dias transportes mais caros. Segundo cálculos extra-oficiais, as passagens de bonde serão majoradas em Cr$ 4,00 (passando de Cr$ 10,00 para Cr$ 14,00), enquanto as de ônibus sofrerão um acréscimo da ordem de Cr$ 6,00, no mínimo, passando a custar entre Cr$ 20,00 e Cr$ 25,00, conforme o percurso. Alega a administração municipal que a majoração tarifária visa tão-somente atender às despesas decorrentes da reajustamento salarial dos empregados, que atingiu, em média, 55%.

Os órgãos municipais consideram a majoração inevitável. Partindo da estimativa de que a CMTC consome de 65 a 70% de sua receita com o pessoal, e levando-se em conta o aumento salarial médio de 55%, chega-se à majoração tarifária de 36% que será dada em caráter geral, embora as companhias particulares dispendam em pessoal porcentagem bastante inferior à CMTC. As instruções do prefeito Prestes Maia ao Departamento de Serviços Municipais para o exame das novas tarifas são as de que a "oneração se limite ao estritamente necessário e indispensável para cobrir os aumentos de despesas, no todo ou na parte excedente às disponibilidades da receita."



BREVE MANUAL DE LÍNGUA RUSSA

Nina Potapova

Editado em Moscou

Para brasileiros e portuguêses

Um manual que serve também para o estudo do russo SEM MESTRE

Encadernado e ilustrado. 400 páginas

Preço: Cr$ 600,00

Pedidos a

Editorial Vitória Limitada

Rua Juan Pablo Duarte 50 - sobrado

Caixa Postal 165 — Telefone 22-1613

Rio de Janeiro — Estado da Guanabara

Atende-se pelo reembôlso postal

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

ADVOGADO — Rubens Pereira Pinto — Horário: das 2as. às 6as. feiras, das 16.30 às 18.30 horas. Rua Silveira Martins, 70 — 2º andar — s/210. Tel.: 32-6822 — S. Paulo

O Outro Lado do "Paraíso" de Mister Kennedy

Retrato Americano Mostra Violência, Racismo e Miséria

Esta crônica sintética de alguns dos aspectos do atual sistema de vida norte-americano é dirigida, como simples orientação, aos que, enganados e confundidos pela campanha de mentiras, **proclamam a "onipotência" dos Estados Unidos** e o "paraíso do mundo livre".

A informação está baseada em apontamentos diários da imprensa mundial, inclusive a dos Estados Unidos. Fundamenta-se, também, em declarações de funcionários do govêrno norte-americano, incluindo afirmações do próprio presidente John F. Kennedy. No que é filtrado através da propaganda cinematográfica de Hollywood, sôbre a miséria, o desemprêgo, o crime e a exploração nos EUA.

Portanto, da veracidade dos detalhes e cifras que mais adiante aparecerão aqui, oferecemos como testemunhas o proletariado norte-americano, o presidente Kennedy, os funcionários de seu govêrno, seus cinco milhões de desempregados.

CARESTIA CRESCENTE

As surprêsas que, diàriamente, oferece a economia norte-americana, fornecem numerosos quebra-cabeças aos que ali chegam. Nos Estados Unidos, os preços sobem quase diàriamente, refletindo fielmente o encarecimento, a elevação constante, do custo de vida para os norte-americanos e para todos o que ali vão viver.

O constante aumento nos preços das mercadorias de amplo consumo, por exemplo, é uma barreira quase intransponível, e os víveres tornaram-se sobremaneira caros.

Além disso, já passa de um luxo consumir, nos Estados Unidos, frutas, hortaliças, carne de porco, laticínios, etc. As cebolas e os tomates, dois simples produtos agrícolas, têm preços astronômicos e prosseguem em plena ascensão. Uma cebola costuma custar de 20 a 30 centavos, e um tomate para salada até 50 e 60.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

A assistência médica é um desastre e seus preços, como é costume nos Estados Unidos, continuam em pleno ascenso. Foi sempre um luxo poder pagar a assistência médica norte-americana.

Recordemos que, na época da sangrenta tirania de Fulgencio Batista, a maioria dos turistas norte-americanos que se dirigiam a Cuba, não só faziam a viagem para desfrutar das "diversões" que lhes oferecia o regime. Um dos principais objetivos de visitar Havana era submeter-se a tratamentos médicos e escapar da exploração desumana dos médicos dos Estados Unidos.

No que se refere à qualidade da medicina norte-americana, convém simplesmente assinalar que os Estados Unidos ocupam o décimo lugar no mundo nos índices de mortalidade infantil. Em cada minuto, duas pessoas morrem de afecções cardíacas ou de câncer.

O histerismo é a doença nacional. Precisamente do histerismo provêm as enfermidades psíquicas, tão difundidas nos Estados Unidos que a metade dos leitos de todos os hospitais existentes no país é destinada a êsses pacientes.

A crise na medicina norte-americana é conseqüência da apatia governamental, que não destina fundos suficientes para seu completo desenvolvimento. Washington esta mais interessado na morte do que na vida. Enquanto gasta 72 800 milhões de dólares na corrida armamentista, para a saúde e previdencia social destina apenas 5 100 milhões de dólares por ano.

O DESEMPRÊGO

Em resumo, a economia norte-americana enfrenta atualmente sérias dificuldades. Confirmando o vaticínio que fêz no último ano a imprensa imperialista e, entre ela, o New York Times, seu mais fiel porta-voz, registra-se hoje nos EUA uma elevação alarmante do número de desempregados. Por cifras oficiais admitidas, calcula-se em mais de cinco milhões o número total dos sem-trabalho.

Grande parte dêsses desempregados, mais de meio milhão, provem da indústria automobilística que, devido à concorrência européia, viu-se na necessidade de restringir a produção. Isso trouxe, como conseqüência, a dispensa em massa de trabalhadores.

A General Motors, em menos de cinco anos, despediu mais de 160 mil operários, e a Chrysler, cêrca de 100 mil. Atualmente, na Ford, mais de 40 mil trabalhadores estão ameaçados de dispensa ou de trabalhar poucos dias por semana. A outrora poderosa indústria automobilística de Detroit é hoje um campo de desempregados, onde o total de operários sem trabalho ascende a 300 mil. Tanto a Ford, como a Chrysler ou a General Motors, têm centenas de milhares de automóveis do último modêlo armazenados, à espera de compradores.

Outro problema juntou-se agora ao dos cinco milhões de desempregados: mais de um milhão de jovens que, por carecer de recursos, não podem continuar estudando, lançaram-se nas ruas à procura de trabalho.

NÃO HOUVE SURPRÊSA

Esta situação crítica, entretanto, não surpreendeu a população norte-americana. Fôra feita a advertência do que ocorreria e não por um qualquer. Quando de sua posse, o presidente Kennedy disse: "o estado presente de nossa economia é intranqüilizador".

Em antecipada justificativa da crise que se avizinhava de seu govêrno, assinalou que assumia a presidência após sete meses de depressão, três anos e meio de estagnação, sete anos de redução do avanço econômico e nove de redução de uma das principais fontes de receita da administração norte-americana, a dos granjeiros.

A esperança de Kennedy, de solucionar em alguma coisa o desemprêgo, estava no exército. Julgou que, com a convocação às fileiras, absorveria parte do desemprêgo, calculando que os novos soldados proviriam da classe trabalhadora, na qual o desemprêgo é alarmante. Entretanto, sua esperança se esvaiu. Que representam mais de duas centenas de milhares de "praças", quando há cinco milhões de desempregados. Além disso, o povo norte-americano não poderia pagar um exército de cinco milhões de soldados, quando já se extraem 72 800 milhões de dólares de seu suor para outros gastos bélicos.

OUTRO MITO IANQUE

Quando se escreve sôbre o desemprêgo nos Estados Unidos, vem sempre à luz a chamada Legislação do Seguro do Desemprêgo. Supõe-se que, mediante esta lei, todo operário que contribuiu para o seguro, ao cessar uma vez seu trabalho, perceba normalmente um subsídio, até que encontre uma nova colocação.

Nesta questão do subsídio, os que fogem de Cuba recebem outra surprêsa, pois a Legislação do Seguro do Desemprêgo, como foi bem qualificada, é um digno monumento à hipocrasia burguesa. Atualmente, só uma ínfima minoria de desempregados recebe seu subsídio que, por certo, é suficientemente "modesto" para que qualquer um sofra demasiada fome e dificuldades.

Para os que fundamentam suas esperanças nesta vã ilusão do seguro do desemprêgo, começaremos por consignar que hoje, aproximadamente, 4 milhões de desempregados, apesar de terem contribuído para o seguro, não recebem subsídio, e não porque não queiram, mas porque os óbices patronais o impedem.

Hoje em dia, dezenas de milhares de desempregados que sofrem miséria nos Estados Unidos comprovaram a falsidade do seguro de desemprêgo.

Do mesmo modo, chegam a milhares os desempregados que, por terem tido um salário tão baixo no período precedente, vêem-se privados pela "lei" do chamado subsídio. A outras dezenas de milhares mais se nega o seguro ou estão impedidos de recebê-lo por se terem comportado "indignamente" no último local de trabalho. As leis norte-americanas consideram "indignidade" os protestos dos trabalhadores contra as difíceis condições de trabalho ou quando se negam a cumprir uma tarefa que não corresponda à sua categoria.

Assinala-se, também, com referência a esta questão do seguro de desemprêgo, que quanto menos ganha um operário, muito menos probabilidades tem de obter o seguro, e quanto mais tempo se encontre sem trabalho menos esperanças tem de obtê-lo.

A EDUCAÇÃO

Outra surprêsa espera aquêles que pretendem enviar seus filhos aos Estados Unidos para estudar, para "salvá-los do comunismo". A questão educacional, como a própria imprensa norte-americana tem denunciado, vai cada dia de mal a pior.

Enquanto os créditos para o belicismo e a morte se incrementam anualmente, a escassez de dotações para o ensino, a edificação escolar e a preparação de professôres e profissionais, é vergonhosa, e o mau estado das escolas primárias e a falta de pessoal técnico capacitado é conhecida de todo o mundo.

Os Estados Unidos, o país capitalista mais avançado do mundo, têm atualmente 7 milhões e 800 mil analfabetos. É tão alto o grau de analfabetismo, que, em um dos primeiros projetos apresentados ao Congresso norte-americano neste ano, assinalou-se a necessidade de combater a incultura da população adulta.

A terceira parte dos graduados nas escolas secundárias, por causa da crítica situação econômica, não pode continuar a desenvolver seu talento. Como ocorria em Cuba, somente os filhos das famílias endinheiradas, da classe privilegiada podem ir às universidades. Isto trouxe como conseqüência a notável escassez de cientistas, engenheiros, professôres, médicos, etc.

Em mais de uma oportunidade, as autoridades educacionais norte-americanas trataram de justificar a crise do ensino, dizendo que nas escolas do país há dois milhões de crianças a mais do que as que podem atender devidamente, e admitem que a maioria dos professôres em exercício não são suficientemente qualificados para dar aulas. Entretanto, muitos norte-americanos denunciaram que a decadência educacional nos Estados Unidos não se deve ao excessivo número de alunos, nem à falta de professôres capacitados, mas principalmente ao desinterêsse do govêrno, que sòmente inverte grandes somas de dinheiro no preparo da guerra, e à própria filosofia educacional, já que não se acostuma a criança a pensar por conta própria, e só se lhes inculca que o principal não é o conteúdo, mas a forma.

A falta de cientistas, engenheiros e pessoal com instrução e capacitação nos Estados Unidos, ficou demonstrada desde o momento em que a União Soviética lançou seu primeiro satélite terrestre, em 1957. Atualmente, não passam muitos dias sem que a URSS demonstre sua superioridade em todos os ramos da ciência, e os Estados Unidos ratifiquem sua incapacidade nos mais elementares princípios.

A TOXICOMANIA

Aquêles que projetam enviar seus filhos aos E.U.A. outra surprêsa está reservada: a toxicomania. A imprensa norte-americana assinala em estatísticas mensais a prisão de milhares de jovens adolescentes, pelo consumo e tráfico de estupefacientes. O mercado-negro de narcóticos, um dos problemas principais do próprio govêrno norte-americano, encontra seus melhores clientes entre a juventude.

Em estupefacientes, gastam anualmente seus consumidores norte-americanos 3000 mil milhões de dólares. Em Nova Iorque, Washington, Los Angeles, Nova Jérsei, Chicago, Miami e Detroit, o tráfico de narcóticos é coisa corriqueira e comum.

OUTRAS SURPRÊSAS

Outro problema é o das quadrilhas de jovens.

Assassinatos, agressões a facadas, humilhações, violações de môças e espancamentos se registram com alarmante freqüência em Nova Iorque, Miami, Los Angeles e outras cidades norte-americanas.

PAZ E LIBERDADE NO MAGHREBE

A Argélia é agora um país independente. Sua autodeterminação foi confirmada oficialmente no plebiscito levado a efeito a 1.º de julho. Mas a independência mesmo o povo argelino conquistou-a numa luta de vida e morte, que durou mais de sete anos. Depois de 130 anos de domínio colonial da França.

A luta do povo argelino pela liberdade eclodiu no auge das guerras de libertação travadas pelos povos coloniais logo depois que terminou a 2.ª guerra mundial. Era a mesma vaga que sacudia os povos asiáticos, varria os imperialistas do solo da China, da Indonésia, da Índia, da Indochina, e se estendia pelo continente africano.

Mas as "200 famílias" da grande burguesia francesa, que já haviam sofrido o impacto da derrota irremediável no sudeste asiático, vendo em perigo suas inversões na Argélia, que haviam dominado e explorado brutalmente durante mais de 120 anos, recusaram-se a entregar a prêsa.

Os argelinos uniram-se como um só homem para lutar de armas nas mãos pela sua independência. A guerra transformou-se numa verdadeira revolução de libertação nacional. A Frente de Libertação Nacional uniu tôdas as fôrças progressistas do país e enfrentou uma das mais poderosas máquinas de guerra dos países imperialistas e coloniais. A grande burguesia francesa empenhou na Argélia o grosso de suas fôrças armadas, muitas vêzes desguarnecendo suas posições metropolitanas e na Alemanha.

Quando a reação francesa levou de Gaulle ao Poder, o fêz na certeza de que assim esmagaria a resistência dos argelinos. De Gaulle se pronunciava então, como os "ultra", pela "Argélia francesa". Uma vez no Poder num esfôrço desesperado, tentou sufocar a luta do povo argelino. Mas em vão. A guerra de libertação recrudesceu, os morticínios de muçulmanos e franceses se multiplicaram, intensificaram-se os atos de terrorismo de ambos os lados.

Quando a França viu o perigo de perder definitivamente sua velha possessão, tratou de fazer o que os colonizadores haviam "esquecido" de fazer durante mais de um século: fomentar a economia argelina. Instalaram-se centenas de fábricas. Mas nestas os argelinos continuavam a servir como escravos dos colonizadores. Eram os franceses os donos das fábricas, que rendiam dividendos a serem exportados para a França. Num balanço recente dos frutos do regime colonial revelava-se que, de 9 milhões de muçulmanos, 1 milhão jamais ocupou empregos produtivos e outro milhão trabalha apenas ocasionalmente. O melhor do que produzia o trabalho dos argelinos ia parar nos Bancos dos colonizadores de Paris e no bôlso dos colonos franceses que viviam na Argélia.

Quando êstes últimos viram-se perdidos, às portas da derrota final e irremediável, organizaram a famigerada OES — Organização do Exército Secreto — que praticou na Argélia selvagerias que só os nazistas praticaram nos países ocupados: em atentados terroristas matavam friamente milhares de homens, mulheres, crianças, dinamitaram hospitais, creches, locais de trabalho.

Eram os estertores dos colonialistas.

A sua derrota completa foi selada a 1.º de julho, num referendo com que de Gaulle quis salvar as aparências, oficializando um acôrdo entre a França e a Argélia, na esperança ainda de preservar seus interêsses econômicos e financeiros no maior país da África do Norte.

De agora por diante, os próprios argelinos têm nas mãos os destinos do seu país. A revolução não terminou com o reconhecimento da sua independência pela França. A verdadeira revolução, se o povo argelino se decide a consolidar sua emancipação política, consistirá em levar a cabo reformas profundas na economia do país, acabando com os domínios fundiários dos franceses e de uma minoria de grandes proprietários muçulmanos, liquidar os remanescentes do regime colonial, as bases militares francesas, gradativamente nacionalizar as emprêsas estrangeiras que exploram as riquezas naturais e a mão-de-obra do povo argelino, inclusive as ricas jazidas de petróleo do Saara.

O nosso povo, como todos os povos que amam a liberdade, saúdam a vitória do povo argelino sôbre os colonizadores e os imperialistas franceses. A derrota que lhes foi infligida é uma derrota de todo o sistema imperialista mundial.

Formosa: Jôgo Perigoso

Um nôvo foco de tensão internacional se abre no Extremo Oriente: estimulado por sucessivas visitas de dirigentes políticos e militares norte-americanos a Formosa (Taiwan), a camarilha de Chiang Kai-Chek volta a arquitetar planos de invasão da China continental.

Seria ridículo pretender-se que semelhante iniciativa parte da camarilha de Chiang. Esta camarilha não existiria sem o apoio e a ajuda econômica e militar dos Estados Unidos, dos imperialistas americanos. Mal podendo sustentar-se em Formosa, não se atreveria a atacar o continente chinês — mesmo com a certeza de que seria repelido o ataque e esmagados os atacantes — sem contar com os navios de guerra, com a aviação, com os foguetes e possìvelmente armas atômicas fornecidos pelos militaristas ianques. Chiang Kai-Chek e seu bando nada representam senão um biombo atrás do qual atuam os ateadores de guerra do Pentágono.

A verdade é que tanto Chiang Kai-Chek como seus amos estão jogando um jôgo extremamente perigoso. Acender as chamas da guerra na China significará a sua propagação à Ásia e ao mundo. A República Popular da China é hoje uma potência econômica e militar. E não está sòzinha. A China Popular é parte integrante do poderoso sistema socialista mundial, que não verá de braços cruzados ser agredido qualquer país socialista. Os imperialistas devem estar lembrados da intervenção que empreenderam no Egito — país não socialista — quando foram obrigados a recuar vergonhosamente.

Já esta semana, o primeiro-ministro soviético Nikita Kruschiov fêz uma advertência que não deixa lugar a dúvidas, quando afirmou: "Os que têm a intenção de atacar a República Popular da China receberão um esmagador contra-golpe do grande povo chinês, do povo da União Soviética e de todo o bloco socialista. Não é esta a primeira vez que os imperialistas procuram pôr à prova a firmeza e a amizade sino-soviética".

Nada mais claro. Os imperialistas americanos e seus lacaios em Formosa terão que pensar duas vêzes antes de se lançarem a uma aventura que para êles será fatal.

MÉXICO DISSE NÃO À INTERVENÇÃO

O presidente Kennedy, em sua visita ao México, malogrou num dos principais objetivos de seu encontro com López Mateos: obter um recuo do govêrno mexicano quanto a política de não intervenção e autodeterminação dos povos. Êstes dois princípios básicos das relações internacionais contemporâneas foram reconhecidos no comunicado conjunto assinado em Cidade do México pelos dois chefes de Estado. Diz textualmente o comunicado referente aos resultados finais da visita de Kennedy: "Os dois presidentes se propõem respeitar e manter os princípios da não intervenção — quer esta proceda de um Estado continental ou extracontinental — e da autodeterminação dos povos. Portanto, estão dispostos a manter tais princípios nas organizações internacionais à que pertencem..."

As passagens citadas valem como o entêrro das ilusões dos imperialistas norte-americanos quanto à obtenção da chancela de sua política intervencionista contra Cuba. O povo mexicano tem sobejas razões para impor esta política mesmo a um govêrno de política reacionária interna como o de Lopez Mateos. O México teve no passado a maior parte de seu território arrebatado pelos Estados Unidos. Admitir a intervenção em qualquer outro país constituiria um perigoso precedente para a própria integridade territorial do México. Ademais, a política de não intervenção e autodeterminação é a que corresponde aos interêsses de todos os povos.

CONGRESSO MUNDIAL DA PAZ: BRASILEIROS VÃO A MOSCOU

Precedido de amplo trabalho preparatório em todos os continentes, reunir-se-á em Moscou, de 9 a 14 de julho, o Congresso Mundial pelo Desarmamento Geral e a Paz, convocado por centenas de personalidades e organizações sindicais e populares do mundo inteiro.

No árduo trabalho preparatório do conclave destacaram-se importantes organizações internacionais como a Federação Sindical Mundial (RSM), a Federação Democrática Internacional das Mulheres (FDIM), a Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD) e a União Internacional da Juventude (UIJ), que não pouparam esforços para que o Congresso seja um verdadeiro fôro de tôdas as fôrças pacíficas que desejam livrar o mundo dos horrores da guerra.

BRASIL

Entre nós, realizaram-se várias conferências e atos de preparação, principalmente nos Estados de São Paulo, Guanabara e Rio de Janeiro, que culminaram com a formação de numerosa delegação — cêrca de 190 pessoas — que irá representar o Brasil no importante certame.

Entre os delegados brasileiros, intelectuais, industriais, estudantes, líderes sindicais, etc., destacam-se Álvaro Lins e sra., Sérgio Buarque de Holanda e sra., governador Celso Peçanha e sra., Di Cavalcanti, Lúcio Costa e sra., Helena Silveira, Padre Alípio de Freitas, Álvaro Doria, Domingos Velasco e sra., general Henrique Oest, general Lauro Rebelo da Silva, general Reginaldo Hunter, Mário Fitipaldi e sra., Flávio Poppe de Figueiredo e sra., Noel Nuttels e sra., Ivo Barbosa Moura (marceneiros), José Pereira Nobre (metalúrgicos), Feliciano Honorato Vanderlei (marítimos), Maria Segóvia da Silva (alfaiates), Antônio Campos Vieira (bancários), Milton de Oliveira (gráficos), Valdir Grasso (aeronautas), major Napoleão Bezerra, sra. Maria José Dupre (escritora), Paulo Alves Pinto e sra., Ariosto Buller Souto (diretor do Instituto Adolfo Lutz, de SP), Rafael de Paula Souza e sra., diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, dr. Durval Sarmento de Rosa Borges, prof. da Faculdade de Higiene da UCP, João Cruz Costa, prof. da Faculdade de Filosofia da USP, dr. Álvaro de Faria, dr. Oscar Rocha Von Pfuhl, dr. Elias Chaves Neto, Francisco de Paula Rodrigues Alves Neto, Jamil Almansur Haddad, professor Aristóteles Orsini, diretor do Planetário de São Paulo, dr. Dácio de Arruda Campos, juiz em SP, Antônio Mourão Vieira Filho, Maurício Caldeira Brant, Milton Eloy, Honório Peçanha.

Golpe Num Poderoso Monopólio Norte-Americano

Cassadas as Concessões da Hanna no Brasil!

Três dias antes de falecer, o ministro Gabriel Passos tomou uma decisão da maior importância: cassou as concessões que o truste norte-americano Hanna Corporation havia anteriormente obtido valendo-se da fraude e de entreguistas, para explorar ricas jazidas brasileiras de ferro. Com êsse ato, que constituiu uma brilhante reafirmação da sua posição nacionalista, o grande homem público preservou, igualmente, valiosos recursos naturais do país da espoliação imperialista norte-americana.

OS TESTAS-DE-FERRO

Não faz muito tempo, cêrca de dois anos, a opinião pública teve sua atenção voltada para uma polêmica travada pelos jornais entre a Companhia Vale do Rio Doce — emprêsa estatal — a Hanna Co., em tôrno de jazidas de ferro situadas em Minas Gerais. As correntes nacionalistas do país tomaram posição imediatamente em defesa da Cia. Vale do Rio Doce, desmascarando os verdadeiros objetivos do truste norte-americano: possuir no Brasil "minas cativas" e, ao mesmo tempo, ou num segundo tempo, obter o contrôle da CVRD e, por êsse meio, também de outra emprêsa estatal — a Acesita. Sendo uma emprêsa estrangeira e, portanto, sem possibilidade legal de comprar as riquezas do subsolo brasileiro, a Hanna tratou de mobilizar testas-de-ferro. Não teve maiores dificuldades: os Lucas Lopes, Roberto Campos, Fernando Mello Viana, apareceram logo. Como passo preliminar, a Hanna comprou na Bôlsa de Londres as ações da Saint John del Rey Mining Co, velha e decadente emprêsa britânica que, depois de extrair lucros fabulosos das minas de ouro de Morro Velho, durante dezenas de anos, desinteressou-se pela continuação da exploração. Em seguida, à base de projetos "técnicos" elaborados pelo escritório "Consultec" — dos srs. Lucas Lopes, Roberto Campo e outros "lírios" dos Campos — combinou uma "venda" da mina de Morro Velho ao sr. Fernando de Mello Viana, o qual, conforme declarou em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito, estabeleceu como "condição *sine qua non* para a aceitação da proposta" a possibilidade de "um regime francamente lucrativo" das minas de ouro...

Na realidade, a coisa era outra: a Hanna precisava de um testa-de-ferro nacional no Brasil para poder [illegible] de ferro, seu grande objetivo.

QUE É A HANNA

Não há notícia, em qualquer parte do mundo, de que a Hanna se tenha interessado pela mineração do ouro... E isso por um motivo simples: o seu negócio principal gira em tôrno do ferro.

Um dos mais poderosos grupos econômicos dos Estados Unidos é o chamado "grupo Cleveland", do qual a família Hanna é uma das principais dinastias. Controla o National City Bank (capital: 750 milhões de dólares), a M. A. Hanna Co. (a nossa Hanna, com um capital de 150 milhões de dólares), a National Steel Corporation (Capital: 591 milhões de dólares), além de outras emprêsas. A principal figura dessa dinastia não tem Hanna no sobrenome: é o nosso conhecido George Humphrey, ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos no govêrno de Eisenhower. É o mesmo de que falam Drew Pearson e Jack Anderson em seu livro (USA — potência de segunda classe?), o homem que usou abertamente o pêso de sua condição de caixa do govêrno norte-americano para impor ao Brasil a entrega de nossas jazidas à sua emprêsa.

Outro nome americano familiar ao povo brasileiro e que aparece associado nesse negócio imperialista é o do sr. John Foster Dulles Jr., filho do ex-secretário de Estado, que se radicou em nosso país para melhor dirigir a emprêsa.

CONTRIBUIÇÃO DE AGRIPINO

Quando ministro das Minas e Energia do govêrno Jânio Quadros, o deputado João Agripino procedeu a um estudo das concessões feitas de minérios, tendo sido organizado um grupo de trabalho do Departamento Nacional de Produção Mineral, que concluiu por apresentar um relatório de 73 páginas. À base dêsse relatório, tendo em vista as numerosas irregularidades de que estavam cercadas das muitas das concessões — cêrca de 40 jazidas de diferentes minérios estavam compreendidas aí —, despachou o sr. Jânio Quadros, três dias antes de renunciar, determinando que se processasse imediatamente a caducidade de tôdas elas, que passariam a constituir reserva nacional, não podendo ser concedidas a ninguém. Foi isto o que revelou na Câmara o deputado João Agripino, logo em seguida à renúncia do então presidente. O ato do sr. Jânio Quadros — a recomendação para que se processasse a caducidade — não chegou a efetivar-se.

GABRIEL DECIDE, AFINAL

Empossado no Ministério das Minas e Energia, o ministro Gabriel Passos retomou o trabalho anterior, determinando ao Consultor Jurídico do Ministério o estudo do assunto para uma deliberação final. Êste, após estudar o Relatório elaborado pelo Grupo de Trabalho do DNPM, chegou à conclusão de que:

1) certas explorações no chamado "Quadrilátero Ferrífero" de Minas Gerais são ilegais, porque carecem de autorização;

2) houve uma confusão deliberada entre os conceitos jurídicos de *minas* e *jazidas*. De acôrdo com o Código de Minas, de 1934, minas são concessões trabalhadas e jazidas concessões não trabalhadas. A confusão foi feita para beneficiar a Hanna, que mantinha em seu poder, inexploradas, como minas, o que eram apenas jazidas e para cuja exploração não obtivera a concessão legal;

3) a Saint John Del Rey obteve a transformação de jazidas em minas mediante processos de corrupção administrativa;

4) estava tudo sujeito a anulação.

Apoiado no parecer do Consultor Jurídico, o ministro Gabriel Passos formulou, então, o seguinte e histórico despacho: "Aprovo o parecer de fls. 103/104 do Consultor Jurídico. Em conseqüência, cancelem-se as averbações irregularmente processadas. Determine o Departamento Nacional de Produção Mineral a cessação imediata das explorações que sejam atingidas pelos cancelamentos e promova e acompanhe a execução das medidas de desapropriação das terras necessárias à exploração das referidas jazidas, que ficam com seu aproveitamento destinado à Sociedade em que a União Federal figure com maioria de capital.

Em 14 de junho de 1962. — Gabriel Passos Passos."

LUTA CONTINUA

Seria ilusão supor que os poderosos interêsses do poderoso truste [illegible] diante da decisão adotada. A longo prazo o golpe [illegible] emprêsa [illegible] é talvez mais forte do que a desapropriação [illegible] da Bond & Share pelo governador Brizola. Por isso, as fôrças nacionalistas devem estar vigilantes para repelir a recarga inevitável que virá, seja através dos testas-de-ferro, dos Lucas Lopes, Roberto Campos, etc., seja diretamente pela matriz — o govêrno de Washington. Não resta dúvida de que há mais um ponto obrigatório na agenda de Kennedy, para sua próxima viagem ao Brasil.

RENÚNCIA DE AURO É DERROTA DAS CÚPULAS REACIONARIAS

A renúncia do sr. Moura Andrade ao pôsto de primeiro-ministro significa a derrota de uma sinistra manobra tramada pelos setores mais reacionários contra os interesses da Nação e do povo. Rendendo-se às cúpulas do PSD-UDN, o primeiro-ministro aprovado procurou formar um Gabinete composto por nomens profundamente comprometidos com o entreguismo e a reação, entre os quais incluia até mesmo, como afirmou o presidente João Goulart, elementos de proa do golpe de 1961. Essa tendência já havia sido manifestada pelo sr. Moura Andrade desde o momento em que pronunciou o seu discurso perante a Câmara dos Deputados — discurso aliás, segundo se sabe agora, diferente daquele que exibira minutos antes ao presidente da República.

O GOLPE

A constituição do nôvo Gabinete seria um verdadeiro golpe branco. Eis alguns de seus principais objetivos:

1) revogar a política externa que vem sendo adotada pelo Itamarati, particularmente no que se refere às relações com os países socialistas (essenciais para a ampliação de nossos mercados) e à defesa do direito de autodeterminação dos povos, contra as agressões a Cuba. Depois de recusar a indicação do sr. San Tiago Dantas para o pôsto de primeiro-ministro, a eventual maioria reacionária da Câmara, nos conchavos com o sr. Auro de Moura Andrade, repeliu também a indicação do sr. Afonso Arinos para o lugar de ministro do Exterior, embora se trate de um antigo líder parlamentar da UDN. Chegou-se a falar na designação do policial Menezes Côrtes para ocupar a chefia do Itamarati, fato que dá bem uma idéia da extensão do golpe que se pretendia consumar. Por fim, concordaram as cúpulas reacionárias em tôrno do sr. Vasco Leitão da Cunha, que rompeu com o ex-presidente Jânio Quadros por se opor à Missão João Dantas, especialmente aos acôrdos firmados com a República Democrática Alemã;

2) restaurar o dispositivo militar que detinha o comando de nossas Fôrças Armadas até a crise de agôsto de 1961, isto é, o mesmo dispositivo que se levantou contra a posse do sr. João Goulart na Presidência da República e queria mesmo prender Jango no instante em que regressasse ao País. Esta denúncia foi feita da forma mais responsável na nota do Planalto em que se fixava a posição do sr. João Goulart: "Alguns setores políticos, sob a alegação de preservar a ordem legal, pretendem manobrar para que as pastas militares sejam empalmadas por homens que participaram ou inspiraram os passados movimentos golpistas, especialmente o de agôsto de 1961". Em outras palavras, seria a instauração de uma ditadura militar encoberta sob a máscara do parlamentarismo;

3) impor ao País uma política interna ainda mais antipopular, de submissão ainda maior ao imperialismo e ao latifúndio e que agravasse ainda mais as insuportáveis condições de vida do povo. Isso se tornou claro na nota em que a UDN expunha suas condições para o apoio aos novos ministros. Uma dessas exigências era a "constituição de um Gabinete de alta categoria moral", isto é, um Govêrno em que pontificassem homens como Lucas Lopes, Monteiro de Castro, Clemente Mariani, etc.

REPULSA

Antes mesmo de ser aprovada pela Câmara a indicação do sr. Moura Andrade, manifestou-se a repulsa popular a isso que o próprio presidente da República considerou ser a sua "segunda transigência". Em Manifesto lido da tribuna da Câmara pelo Deputado Licio Hauer, as confederações, federações e sindicatos nacionais de trabalhadores afirmavam que o acôrdo feito era "uma demonstração de que algumas cúpulas partidárias e as fôrças econômicas mais reacionárias pretendem consumar uma nova conciliação e assumir novos compromissos contra o povo e a Nação". Os trabalhadores advertiam que iriam à greve geral de protesto. No dia seguinte, após o discurso do sr. Moura Andrade, os dirigentes sindicais de São Paulo enviavam-lhe um enérgico telegrama comunicando que os operários paulistas iriam à greve se fôsse formado um Govêrno imposto pelas cúpulas e divorciado do povo.

Apesar dessas advertências dos trabalhadores e das manifestações de repúdio de tôda a opinião pública, o sr. Moura Andrade, em cambalacho com os dirigentes reacionários do agrupamento UDN-PSD, insistia em constituir um Gabinete entreguista e antipopular, não vacilando inclusive em trair da maneira mais indigna compromissos que assumira com o presidente da República.

A tal ponto chegaram a desfaçatez e a insolência dêsses círculos que o presidente João Goulart, no uso de suas atribuições constitucionais, recusou-se a assinar os decretos de nomeação dos novos ministros e comunicou ao País a sua posição e os motivos que a determinavam. Dizia o presidente em sua nota que se queria "constituir no País o govêrno contrário aos altos interêsses nacionais, um govêrno que pretenda fazer calar, pela opressão, as legítimas vozes populares, que pretenda impedir a vitória das legítimas aspirações dos brasileiros, quer no campo externo, quer na luta pelo nosso desenvolvimento e pela nossa emancipação econômica". Declarou-se então disposto a resistir, afirmando: "Já transigi duas vêzes e não pretendo transigir outra mais".

A crise ganhou então proporções decisivas: ou se impunha a posição assumida pelo sr. João Goulart ou se consumaria o golpe chegando-se ao "impeachment" (que chegou a ser cogitado por udenista e pessedistas) do presidente da República. Em menos de dois horas, entretanto, revelava-se a impotência das cúpulas reacionárias em levar avante os seus planos golpistas. Enquanto na Câmara entreguistas como Menezes Côrtes, Martins Rodrigues, João Mendes, Herbert Levy e outros "líderes" esganiçavam-se histèricamente defendendo o Gabinete do FMI e das filas de feijão e arroz, as fôrças autênticamente nacionais tomavam posição e advertiam duramente os reacionários. Os trabalhadores decidiram decretar greve geral de 24 horas — e, dependendo das circunstâncias, por um prazo maior — pela formação de um govêrno nacionalista e democrático, contra qualquer transigência com as cúpulas do bloco udeno-pessedista. O comando das Fôrças Armadas definiu com tôda a firmeza uma atitude em defesa da legalidade democrática, colocando-se às ordens do presidente da República. Essa atitude foi fixada particularmente nas notas expedidas pela general Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército.

Era evidente a derrota dos golpistas, que não só não tinham fôrça para insistir no Gabinete das filas, mas não podiam nem mesmo esperar por muito tempo. E já ao meio-dia de quarta-feira, vendo frustradas as manobras que pretendia presidir, o sr. Moura Andrade procurava o presidente da República para anunciar-lhe a desistência de formar o nôvo Conselho de Ministros.

PROSSEGUE A LUTA

Isso, entretanto, está longe de significar o fim da luta. A indicação e posterior renúncia do sr. Moura Andrade foi mais um episódio na luta que trava o nosso povo pela formação de um govêrno nacionalista e democrático. Essa luta prossegue, refletindo a firme disposição em que se acham tôdas as fôrças nacionalistas e democráticas de conquistar para a nossa Pátria um Govêrno que sirva de fato aos interêsses nacionais, que se oponha à espoliação do País pelos trustes norte-americanos, que promova efetivamente as reformas de base, que enfrente e remova com coragem as causas reais da carestia da vida, assegurando a nossa independência e melhores condições de existência para as massas.

SAN TIAGO: «POLÍTICA EXTERNA É INTOCÁVEL»

No momento em que se despedia oficialmente do Ministério das Relações Exteriores o chanceler San Tiago Dantas teve a seu lado os trabalhadores, que foram ao Palácio Rio Branco reafirmar o aplauso da classe operária à conduta imprimida à nossa política externa enquanto San Tiago foi o titular da pasta. Na ocasião os trabalhadores manifestaram ao ilustre homem público a sua disposição de lutar até o fim pela vitória de um gabinete nacionalista e democrático. Ao agradecer a homenagem que lhe foi tributada pelos operários o professor San Tiago Dantas após referir-se à necessidade da defesa das liberdades democráticas afirmou que a política externa que a nação vem seguindo é como a Petrobrás — intocável. Na foto, o líder sindical Oswaldo Pacheco, presidente do Pacto de Unidade e Ação, saudando, em nome dos trabalhadores, a San Tiago Dantas. (Reportagem na 3.ª página).

O TRIO DA MANOBRA FRUSTRADA

Amaral Peixoto, Auro Moura Andrade e Herbert Levy, conhecidos entre outras coisas pela natureza pouco confessável de seus negócios, são a mais autêntica expressão das cúpulas partidárias, comprometidas com o atraso e com os interêsses antinacionais. Não por acaso, portanto, foram os executores do quase golpe que tentaria levar o país por um caminho que, as fôrças populares e o progresso da nação decretaram intransitável.

BRIZOLA: POVO NÃO PODE SER SIMPLES JOGUETE DAS CÚPULAS REACIONÁRIAS

O governador Leonel Brizola fêz o seguinte pronunciamento a respeito da crise provocada pelas cúpulas reacionárias do PSD-UDN:

«O govêrno do Estado do Rio Grande do Sul, atento aos acontecimentos que se desenrolam em Brasília e no País, cumpre o dever de informar ao povo gaúcho que, nestas últimas horas, criou-se um sério impasse na formação do nôvo conselho de ministros do govêrno Federal. O povo brasileiro é testemunha do espírito de conciliação e de transigência do presidente João Goulart desde quando assumiu o govêrno da República, a ponto de tolerar, até mesmo, a mutilação de seu mandato.

A mesma linha de concórdia adotou o presidente, agora, na formação do nôvo Gabinete, indicando, inclusive, o senador Auro de Moura Andrade, presidente do Senado, para primeiro-ministro.

Foi agora, o presidente da República, surpreendido com a imposição dos grupos ou cúpulas partidárias que pretendem fazer um Ministério que não corresponde aos anseios nacionais, e no qual figuram inclusive elementos reacionários e até mesmo nomes comprometidos com o golpe frustrado de agôsto último e com o veto então apôsto à posse do presidente constitucional.

Recusou-se o presidente João Goulart a nomear tal Ministério. A recusa do presidente da República baseia-se no Artigo III, item I, e Artigo IX do Ato Adicional, isto é em sua atribuição constitucional de nomear os ministros; fundamenta-se igualmente, esta decisão, na necessidade de dar ao País as reformas de base que venham resolver os angustiantes problemas que aí estão tornando insuportável a vida do povo brasileiro.

O govêrno do Estado do Rio Grande do Sul, fiel à vontade do povo gaúcho, manifesta sua irrestrita solidariedade à posição assumida pelo presidente João Goulart. O povo brasileiro precisa de soluções para os seus angustiantes problemas e não pode permanecer à mercê das ambições desenfreadas de cúpulas ou grupos políticos insensíveis às suas aspirações e sofrimentos.

(a.) *Eng. Leonel Brizola*, governador do Estado do R. Grande do Sul.»

EXÉRCITO FLAGRA CENSORES DA POLÍCIA DE LACERDA

Segundo informações que obtivemos, na madrugada de quarta-feira oficiais do I Exército surpreenderam policiais do sr. Carlos Lacerda, numa das estações da Companhia Telefônica, censurando as comunicações telefônicas, inclusive aquelas entre as autoridades militares realizadas através da Telefônica. Acrescentava-se que os censores do DOPS foram presos e a estação ocupada pelo Exército.

NOVOS RUMOS

HOMEM DO GABINETE DE MOURA ERA ENTREGUISTA

Uma coleção da reacionários e entreguistas — eis o malogrado gabinete que as cúpulas reacionárias do PSD, UDN e PSP, acolitadas por alguns fósseis menores, desejavam impor ao povo brasileiro, sob a chefia do sr. Auro Moura Andrade. Entre os nomes aparecidos na imprensa, figuram os seguintes:

Olavo Fontoura, do PSD de São Paulo, aspirante ao Ministério da Indústria e Comércio. Trata-se de um dos mais conhecidos testas-de-ferro do capital estrangeiro e mnosso país, associado a grandes laboratórios norte-americanos, um dos instrumentos usados para a desnacionalização da indústria farmacêutica. É presidente da Fonto Chimica S. A. e diretor industrial do Instituto Medicamenta Foutoura S. A., ambas essas emprêsas vinculadas aos trustes norte-americanos American Home Products Corp. e Wyeth Laboratoires Inc. Além disso, é presidente da Cia. Transportadora Branco e Azul Brazul e ligado a outros negócios. Na Câmara, é filiado ao agrupamento ultradireitista criado pelo imperialismo norte-americano chamado Ação Democrática Parlamentar.

Miguel Calmon, do PSD da Bahia, é igualmente filiado à Ação Democrática Parlamentar. Grande banqueiro — é diretor do Banco Econômico da Bahia —, notabilizou-se por suas posições naturalmente reacionárias. Estava indicado para o Ministério da Fazenda, a fim de prosseguir a atual política reacionária e de submissão ao Fundo Monetário Internacional.

Monteiro de Castro, da UDN de Minas Gerais (é ligado ao grupo Pedro Aleixo, considerado o mais reacionário da UDN mineira) estava indicado para o Ministério das Minas e Energia. Nêsse Ministério, de importância decisiva para a economia e a emancipação nacional acham-se, ademais, pendentes de solução imediata dois problemas fundamentais: o tabelamento dos óleos lubrificantes, medida contra a qual os trustes do petróleo têm queimado todos os trunfos e o cumprimento da decisão tomada pelo ministro Gabriel Passos, de cassar as concessões fraudulentamente feitas a Hanna. Sem nenhuma tradição de luta nacionalista e em defesa das riquezas nacionais, o nome do sr. Monteiro de Castro, que já foi chefe do gabinete do sr. Café Filho e cujo maior patrimônio político é um rendoso cartório, aparece num tal gabinete como nome suscetível de pressão pelos grupos reacionários para anular as medidas progressistas tomadas pelos ministros Gabriel Passos e João Agripino, que ocuparam antes aquela pasta.

Virgilio Távora, que já vinha ocupando o Ministério da Viação — a pasta das gordas verbas, e das quais os «moralistas» da UDN não abriram mão no cambalacho para o malfadado gabinete —, da UDN cearense, foi também o homem que propôs o rompimento com Cuba, numa das reuniões do Conselho de Ministros, em maio último. Para isso, prestou-se ao papel de veicular um pequeno Plano Cohen, no qual eram atribuídas «atividades subversivas» ao embaixador cubano, em Niterói, num momento em que aquêle diplomata estava em Havana... Está envolvido em negócios de exportação de minérios. Durante algum tempo fêz-se passar por nacionalista.

TRABALHADORES PAULISTAS: GREVE EM SANTOS E APOIO A JOÃO GOULART

São Paulo (Da sucursal) — Antecipando-se à própria decisão da CNTI o Fórum Sindical de Debates de Santos, que reúne 56 entidades de trabalhadores, havia desde têrça-feira decretado greve contra o conselho de ministros reacionário sugerido pelas cúpulas partidárias. Esperavam apenas os trabalhadores santistas um momento oportuno para a deflagração do movimento, e consideraram que êste foi o proposto pela decisão da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria.

TELEGRAMAS A JANGO E OSVINO

O Sindicato dos Trabalhadores em Laticínios, da capital, enviou ao presidente João Goulart o seguinte despacho telegráfico: "Os trabalhadores em laticínios congratulam-se com Vossa Excelência pela posição firme e corajosa em favor de um gabinete nacionalista e democrático. Conte com o apoio total dos trabalhadores de nosso setor, sejam quais forem as conseqüências da posição de Vossa Excelência". Aplaudindo declarações do general Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército, o mesmo sindicato enviou um telegrama àquele militar.

Inúmeros outros sindicatos e organizações operárias da capital também se dirigiram telegràficamente ao presidente da República, hipotecando solidariedade à posição assumida pelo primeiro mandatário da nação.

Nas primeiras horas da tarde de quarta-feira nas portas de fábricas e nas filas dos transportes coletivos um volante, conclamando os trabalhadores e o povo a tomar posição em favor de um gabinete nacionalista e democrático e a intensificar a luta contra a carestia e contra o aumento das passagens de ônibus, era distribuído aos populares. A proclamação estava assinada pela quase totalidade dos dirigentes sindicais de São Paulo. Na foto ao alto, aspecto da assembléia intersindical realizada domingo último, quando os trabalhadores paulistas exigiram a formação do gabinete nacionalista e democrático.

REPÓRTER «ESSO» DIVULGA MENTIRA PARA CONFUNDIR

O "Repórter Esso", programa radiofônico da Standard Oil e que teve atuação tão destacada ao lado dos golpistas de agôsto, voltou, ontem, a veicular uma notícia visando a confundir as fôrças democráticas. No noticiário das 12 horas e 55 minutos, pela Rádio Nacional, divulgou uma informação falsa, no sentido de que teria sido suspensa a reunião dos líderes sindicais marcada para as 13 horas na CNTI. A mentira, que teve por fim confundir os trabalhadores mostra também como o truste estrangeiro intervém descaradamente nos assuntos internos do país.

JOÃO GOULART: GABINETE DEVE SER DEPOSITÁRIO DA VONTADE POPULAR

As 21 horas de têrça-feira, dia 3, a Rádio Nacional de Brasília, emissóra oficial, transmitia para todo o país uma nota relatando o teor de uma conversação mantida pelo presidente João Goulart na tarde daquele dia ao despedir-se de amigos pouco antes de sua partida para a fazenda de Uruaçu. O noticiário, repetido várias vêzes mais tarde, dava conta de que o presidente determinara ao procurador-geral da República examinar com urgência e com a maior atenção o Ato Adicional para ver de que maneira poderia, legalmente, impedir a tentativa das fôrças adversas aos interêsses nacionais de instalação de um govêrno contrário aos anseios populares e às legítimas aspirações brasileiras.

É o seguinte o texto da nota divulgada pela Rádio Nacional de Brasília:

"Depois de um longo encontro com o senador Auro de Moura Andrade, na granja do Tôrto, durante mais de 2 horas, o presidente da República embarcou com sua família em avião particular com destino a Uruaçu, onde, a conselho médico, repousará algumas horas para refazer-se da estafa de algumas noites de vigília.

Ao se despedir dos amigos, o presidente João Goulart teria afirmado que enquanto descansava "os partidos ficariam mais à vontade para discutir o Condomínio do Govêrno".

Sabe-se, entretanto, que o presidente da República, em demorada conversa sem testemunhas com o senador Auro de Moura Andrade, teria feito sentir ao presidente do Conselho de Ministros as suas preocupações com relação à situação atual do País. Especialmente no que diz respeito às classes populares, suas aflições e angústias. Pessoas dos Gabinetes Civil e Militar que estiveram com o presidente até as cinco horas da madrugada, quando S. Exa. ouvia e comentava os discursos proferidos na Câmara, declararam que o presidente logo manifestou o seu propósito de fazer chegar aos grandes partidos, através do primeiro-ministro, o seu pensamento com relação à constituição do nôvo Govêrno.

Considera o presidente fundamental aos destinos do País que o nôvo Gabinete possa expressar as grandes aspirações nacionais e seja depositário da vontade popular. Essa preocupação foi logo depois reafirmada através de nota escrita de próprio punho, pelo presidente da República, e que foi entregue ao procurador-geral, sr. Evandro Lins, determinando-lhe examinasse com a melhor atenção e urgência, certos aspectos do Ato Adicional, especialmente, o artigo nono e outros que com êle se relacionem. O presidente João Goulart, em seu encontro com o sr. Moura Andrade, hoje, pela manhã, deixou bem claro que julga ter atingido os limites da transigência que se propôs fazer, rendendo-se à expressão numérica da Câmara e dos partidos nela representados. Reafirmou, na oportunidade, também a seus auxiliares mais diretos, que transigira porque acreditava que a sua atitude seria uma contribuição efetiva no sentido da manutenção da ordem legal que êle tem o dever de defender. Espera, contudo, que tal decisão não sirva de pretexto para estimular apetites de mando, ou para despertar velhos sonhos e que se possa constituir no País um govêrno contrário aos altos interêsses nacionais, um govêrno que pretenda fazer calar, pela opressão, as legítimas vozes populares, que pretenda impedir a vitória das legítimas aspirações dos brasileiros, quer no campo externo, quer na luta pelo nosso desenvolvimento e pela nossa emancipação econômica.

Frisou o presidente da República que, em sua transigência, jamais iria ao extremo de colaborar na instalação de um govêrno comandado por aquêles que procuram abafar os mais legítimos anseios nacionais. Revelou que chegam ao seu conhecimento informações de que alguns setores políticos, sob a alegação de preservar a ordem legal, pretendem manobrar para que as pastas militares sejam empalmadas por homens que participaram ou inspiraram os passados movimentos golpistas, especialmente o de agôsto de 61.

Os restos de atribuição que lhe sobram — afirmou, quando em nome do povo se impôs o atual regime, me permitem ainda, graças a Deus, lutar legalmente, para que isso não ocorra. Já transigi duas vêzes e não pretendo transigir outra mais. Muito menos neste momento em que o povo sofre nas filas de gêneros alimentícios e é repelido pela polícia: quando a inflação incontrolável aquça a voracidade dos beneficiários do empobrecimento coletivo."

São Paulo: Estudantes e Mulheres Pelo Gabinete Nacionalista Agora

SÃO PAULO (Da sucursal) — A União Estadual dos Estudantes divulgou nota oficial denunciando as tentativas das cúpulas dos partidos políticos mais reacionários de impingir ao país um Gabinete a serviço de interêsses antinacionais. Os estudantes reafirmam a sua disposição de luta por um Conselho de Ministros composto por nomes nacionalistas e democráticos, que faça as reformas de base e resolva a crise universitária que os mantém em greve.

Através de telegrama assinado pela líder feminina Ida Schwertzmen a Federação das Mulheres Paulistas manifestou ao presidente João Goulart o apoio da mulher bandeirante à atitude do chefe de Estado em recusar-se a referendar o Gabinete de conciliação proposto pelo sr. Moura Andrade. A Federação das Mulheres Paulistas dirigiu-se também ao general Osvino Ferreira Alves congratulando-se com pronunciamentos dêste chefe militar.